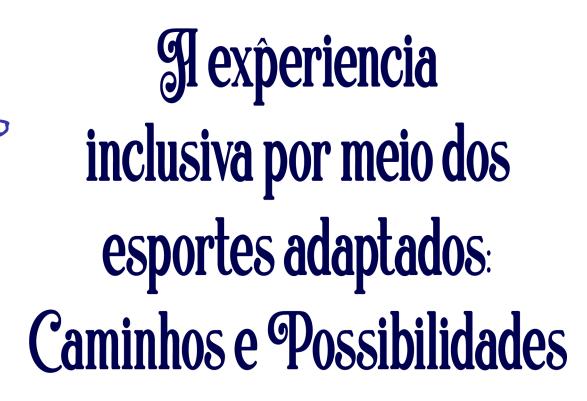




UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO CENTRO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO



Mauro Fontoura Borges Neto

Orientador: Jair Ronchi Filho



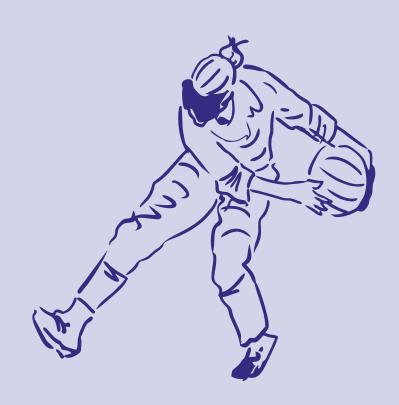
Mauro Fontoura Borges Neto

A EXPERIÊNCIA INCLUSIVA POR MEIO DOS ESPORTES ADAPTADOS: CAMINHOS E POSSIBILIDADES

Produto acadêmico apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na linha de pesquisa Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão escolar.

Orientador: Prof^o Dr^o Jair Ronchi Filho

Vitória 2021



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO - PPGMPE UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES

PAULO SÉRGIO DE PAULA VARGAS

Reitor

RONEY PIGNATON DA SILVA

Vice-Reitor

VALDEMAR LACERDA JUNIOR

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

REGINALDO CÉLIO SOBRINHO

Diretor do Centro de Educação

ANDREA ANTOLINI GRIJÓ

Vice-Diretora do Centro de Educação

ALEXANDRO BRAGA VIEIRA

Coordenador do Programa de Pós-Graduação de Mestrado

RENATA DUARTE SIMÕES

Vice Coordenadora do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional de Educação







Lista de Figuras

Figura 1 - Roda de conversa: apresentando a proposta de prática	16
Figura 2 - Aula teórica: apresentação dos esportes paralímpicos	19
Figura 3 - Quadra de vôlei sentado	32
Figura 4 - Demarcando a quadra de voleibol sentado	33
Figura 5 - Alunos vivenciando o voleibol sentado	35
Figura 6 - Quadra de jogo do Goalball	42
Figura 7 - Marcação da linha tátil para a prática do Goalball	44
Figura 8 – Venda	44
Figura 9 - Alunos vivenciando o Goalball	46
Figura 10 - Quadra de bocha paralímpica	53
Figura 11 - Alunos fazendo uma atividade prática de bocha	55
Figura 12 - Quadra do futebol de 5	
Figura 13 - Área de comando	63
Figura 14 - Adaptando a bola de futebol de 5	64
Figura 15 - Adaptando a bola de futebol de 5	
Figura 16 - Alunas vivenciando o futebol de 5	
Figura 17 - Atividade de quadra	
Figura 18 - Encerramento das práticas - roda de conversa/confraternização	
Figura 19 - Último encontro - planeiando os jogos adaptados	



Apresentação

Este guia didático¹, construído a partir de um estudo de caso com estudantes e professores dos Ifes (Instituto Federal do Espírito Santo), configura-se como um produto educacional, sendo um desdobramento da dissertação de mestrado intitulada: A experiência inclusiva por meio da prática de esportes adaptados: um estudo de caso no Ifes. O que buscamos, mais do que propor uma educação física adaptada a estudantes com deficiência, é mostrar os caminhos e possibilidades pelos quais os estudantes possam vivenciar uma prática esportiva diferente do já enraizado culturalmente. Ao propor a prática de esportes adaptados como um conteúdo da educação física, não buscamos somente fazer com que o estudante sem deficiência compreenda as dificuldades vividas por aqueles que apresentam alguma deficiência, mas também possibilitar a vivência com tais realidades de maneiras menos segregacionistas, com o objetivo de promover uma educação inclusiva por meio da sensibilização. Acreditamos que, dessa forma, estaríamos mais próximos a uma educação física que seja inclusiva de fato, ou seja, que busque as transformações necessárias na prática pedagógica, oportunizando o aprendizado conjunto de pessoas com e "sem deficiência". Para isso, apresentamos um guia didático com os caminhos que trilhamos e algumas possibilidades que construímos nas aulas de educação física. Apresentamos nossa experiência inclusiva por meio dos esportes adaptados, mostrando os movimentos de aproximação e experimentação, o processo de intervenção que vivenciamos, as propostas de atividades, a adaptação de materiais e sugestões de aula. O que buscamos aqui não é esgotar a prática dos esportes adaptados, muito menos o debate sobre a inclusão nas aulas de educação física. Também não pretendemos que este guia seja reproduzido, criando uma diretriz. A intenção é demonstrar um pouco do que aprendemos ao percorrer o caminho em busca de uma educação inclusiva.

¹ Entendemos por guia didático "um material que pode conter informações, ideias, apontamentos, conteúdos, notas, dados e experienciais individuais, coletivas, culturais, tecnológicas e ambientais de maneira clara e objetiva, que auxiliam a construção do conhecimento, ressignificação de conceitos e conquista de autonomia que se originam nos diversos tipos de interações entre conteúdo, sociedade e ambiente, perpassando também pela escola e a educação". (RANGEL; DELCARRO; OLIVEIRA; 2019, p.2)

Sumário

INTRODUÇAO	8
Iniciando uma caminhada em busca de uma educação física inclusiva	
1. ESPORTES ADAPTADOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSIO	CA: CAMINHOS
E POSSIBILIDADES	11
2. CONSTRUINDO MOVIMENTOS DE APROXIMAÇÃO	14
2.1. Esportes adaptados e inclusão escolar	14
2.2. Atividades de sensibilização	15
2.3. Conhecendo os esportes paralímpicos	19
3. MOVIMENTOS DE VIVÊNCIA E EXPERIMENTAÇÃO	31
3.1. A VIVÊNCIA DO VOLEIBOL SENTADO	31
3.1.1. Conhecendo a modalidade	31
3.1.2. Adaptando materiais para a prática	33
3.1.3. O processo de intervenção	34
3.1.4. Sugestão de atividades	38
3.2. A VIVÊNCIA DO GOALBALL	42
3.2.1. Conhecendo a modalidade	42
3.2.2. Adaptando materiais para a prática	43
3.2.3. O processo de intervenção	45
3.2.4. Sugestão de atividades	47
3.3. A VIVÊNCIA DO JOGO DE BOCHA	52
3.3.1. Conhecendo a modalidade	52
3.3.2. Adaptando materiais para a prática	53
3.3.3. O processo de intervenção	54
3.3.4. Sugestão de atividades	57
3.4. A VIVÊNCIA DO FUTEBOL DE 5	61
3.4.1. Conhecendo a modalidade	61
3.4.2. Adaptando materiais para a prática	63
3.4.3. O processo de intervenção	65
3.4.4. Sugestões de atividades	67

4. RESULTADOS ESPERADOS DESTE PRODUTO	73
4.1. Construindo uma proposta de jogos adaptados para a escola	73
REFERÊNCIAS	76



Introdução

Iniciando uma caminhada em busca de uma educação física inclusiva

Minha caminhada teve início há um bom tempo e a princípio nem me dava conta dos processos de exclusão que aconteciam nas minhas aulas de educação física. A minha prática pedagógica era muito tecnicista e esportivizante, daí os mais aptos esportivamente, que não eram a maioria nas turmas, que eram contemplados com a aula. O debate sobre uma educação física mais plural e progressista já estava em curso, porém eu ainda reproduzia nas minhas aulas, esse caráter excludente. Além disso, discussão sobre a inclusão de pessoas com deficiência no ambiente escolar e principalmente nas aulas de educação física ainda era incipiente. O início da minha carreira profissional se deu entre os anos 1999 e 2002 e nesse momento havia pouco ou nenhum aluno com deficiência na escola regular.

Com o passar dos anos, foi se tornando mais comum a presença de estudantes com deficiência nas aulas de educação física. No início, não sabia o que fazer, mas percebia um problema: agora, além dos alunos "não habilidosos" não participarem, tínhamos outro grupo que também passou a ficar de fora: os alunos que apresentavam algum tipo de deficiência. Nesse percurso, começo a pensar, refletir e estudar estratégicas pedagógicas de inclusão. A princípio, pensando como incluir os alunos com deficiência (devido a ser em menor número, um ou dois por turma, quando havia). No primeiro momento, colocava-os como auxiliares das minhas funções: ajudando a fazer a chamada, marcando o placar, levando o material. Além disso, fazia o que eu chamava na época de uma "proteção pedagógica" para que eles não se expusessem e nem se machucassem nas aulas, pois as atividades eram muito competitivas e quase sempre só os mais habilidosos participavam.

Com o passar dos anos como professor, fui aprimorando minhas práticas inclusivas nas aulas de educação física para possibilitar que mais alunos participassem. Com um melhor planejamento das práticas, "reinventando" alguns esportes e ampliando os conteúdos para além dos esportes convencionais. Com isso, a participação dos alunos nas aulas tem uma melhora significativa. No entanto, os alunos com deficiência continuavam sem participar. Embora as aulas já não fossem tão tecnicistas como no

começo, não davam conta de fazer uma prática pedagógica com todos juntos. Nesse momento já estava dando aula individualmente para os alunos com deficiência, ou seja: ao mesmo tempo em que atendia a turma, tinha um plano de trabalho individualizado, separado da turma, para alunos com deficiência. Porém, isso também começou a me incomodar muito, pois além da exclusão nítida vista na prática tradicional, esse tipo de prática acabava por fazer uma segregação dos alunos ditos "normais" dos alunos com deficiência.

A partir dessa inquietação, vou em busca de referenciais de uma educação física mais cultural, bem como com referenciais da educação inclusiva, e começo a entender que precisava fazer uma transformação nas minhas aulas, principalmente no ensino dos esportes, pois este sempre se caracterizava como excludente e muito competitivo, reproduzindo o esporte rendimento na escola. Kunz (2006) reitera que o esporte escolar deveria passar por uma transposição didática, a fim de que se oriente pelos princípios e códigos escolares, subordinando-se ao projeto político-pedagógico da escola e seus norteadores. Afinal, se tomarmos a prática do esporte no ambiente escolar de acordo com o modelo de alto rendimento, sem a devida transposição de alguns valores pedagógicos, corremos o risco de achar que é ao tomar o esporte como possibilidade única de obter os futuros atletas de alto rendimento que ele ganhará sentido pedagógico.

Nesse momento da minha caminhada, vislumbrei a possibilidade das minhas aulas serem construídas a partir das possibilidades dos alunos, com práticas pedagógicas adaptadas, transformadas para o aprendizado de todos. Por exemplo, comecei a fazer a transposição dos conteúdos do esporte para a realidade da turma, onde a prática pedagógica seria mais importante do que o rendimento. Dessa forma, consegui ampliar ainda mais a participação dos alunos nas aulas, e, sobretudo, nas práticas esportivas. As aulas se tornaram mais inclusivas, pois adaptávamos o conteúdo, as regras, os jogos e os gestos de acordo com as possibilidades de cada um. Entretanto, novamente, os alunos com deficiência ainda ficavam de fora de praticamente todas as aulas, pois muitos deles tinham um marcador que os limitava de participar de certas práticas. Por vezes, tentava "incluir" esses alunos nas práticas de forma que fizessem funções no jogo ou em alguma atividade que os possibilitasse de participar. Contudo, isso gerava uma descaracterização da proposta do jogo, gerando desconforto com a turma, bem como com os alunos com deficiência, que percebiam o incômodo alheio, além do sentimento de que estava "atrapalhando" a turma.

Sendo assim, percebi que tinha dois trabalhos pela frente: (a) Sensibilizar as turmas para uma prática inclusiva, para que eles compreendam que todos precisam participar com seus limites e, principalmente, suas possibilidades; (b) pensar

e sistematizar uma prática pedagógica que dê conta dos alunos com necessidades específicas, dos alunos menos habilidosos, e dos alunos mais habilidosos.

Assim, aproveitando o momento nacional de preparação para os *Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio – 2016*, elaborei um plano de ensino para a prática de esportes adaptados e paralímpicos. O objetivo era possibilitar aos estudantes a vivência das dificuldades de algumas deficiências e, de certa forma, conseguia sensibilizar a turma, ao praticar e fomentar o debate a respeito da deficiência no ambiente escolar, por meio da promoção de vivências esportivas inclusivas para alunos com e sem deficiência. Mesmo nas turmas que não havia alunos com deficiência, a proposta era construir práticas inclusivas e uma das maneiras era pela vivência desses esportes adaptados por esses alunos, em busca de uma sensibilização e consciência, para que quando nos encontrássemos em alguma situação de exclusão, pudéssemos repensar e construir uma atividade que contemplasse todos.

Dessa forma, surgiu a possibilidade de praticar alguns esportes adaptados, bem como repensar práticas de ensino para incluir todos na aula. Após apresentar a proposta dos jogos, um aluno da turma se aproximou de mim e propôs um jogo de Goalball para incluir um aluno cego que acabara de entrar na turma, e me disse assim: "Professor, nossa turma tem 30 alunos, se fizermos um jogo de handebol, 29 podem jogar, mas o I* ficará de fora porque é cego, mas se fizermos o Goalball, os 30 podem participar"!

Aqui é importante ressaltar e ficar atento: mesmo com a aplicação de esportes adaptados, e mesmo com limitações (visuais, de movimentos, etc.), o ideário de disputa e competitividade excessiva se faz presente. Em outras palavras, não é mera aplicação dos esportes adaptados que permite, por si só, um olhar humano sobre o tema da inclusão, mas sim por meio dos esportes adaptados. A prática, por si só e sem o direcionamento adequado, em nada ou em muito pouco contribui para criação e manutenção de uma cultura inclusiva, seja dentro ou fora do universo escolar.



1. Esportes adaptados nas aulas de educação física: caminhos e possibilidades

Na tentativa de alcançarmos uma prática mais inclusiva por meio dos esportes adaptados, recorremos novamente a Kunz (2006). O autor destaca que o cotidiano escolar tem indicado que os professores de Educação Física encontram dificuldades em transformar suas práticas pedagógicas no ensino do conteúdo Esportes, principalmente no que tange à superação do paradigma da racionalidade instrumental. São necessários ainda muitos avanços teóricos e didático-pedagógicos que colaborem para o entendimento do esporte em um sentido para além de mera prática, isto é, como um fenômeno sociocultural em que a Educação Física escolar produza a aquisição de um saber fazer e um saber sobre esse fazer do esporte.

Para que não se corra o risco de uma visão simplista e equivocada da relação pedagógica entre educação física e esportes, é necessário que o professor seja crítico e reflexivo de sua própria prática, com a finalidade que suas aulas, fundamentadas dentro de alguma prática esportiva, sejam um instrumento pedagógico para todos os alunos. Desse modo, o esporte deve servir para a quebra de seus próprios paradigmas, sendo um importante instrumento pedagógico na construção de um ser autônomo e emancipado.

Atualmente, em qualquer situação onde o esporte é praticado e independente dos motivos que levam a essa prática, seja pelo lazer, pelo rendimento ou como Educação Física escolar, a tendência é pela normatização e padronização dessas práticas, impedindo assim que um horizonte de outras possibilidades de movimentos possa ser realizado. Isto coíbe, inclusive, uma participação subjetiva dos indivíduos nas práticas do esporte (KUNZ, 2006, p. 43).

Dessa forma, o que vamos propor aqui é trabalhar o conteúdo de esporte adaptado nas aulas de Educação Física a fim de que a própria prática esportiva dê conta de uma manifestação educativa e demanda social, tornando-se uma experiência ressignificadora para os alunos envolvidos.

A ideia de que os esportes adaptados se direcionam única e exclusivamente às pessoas com algum tipo de deficiência influenciou por muito tempo os debates a respeito da relação entre esporte e inclusão. Por isso, não é raro encontrarmos hoje a visão paradigmática que vê o desporto adaptado como uma prática direcionada apenas às pessoas com deficiência, não sendo passíveis de serem realizadas juntamente por pessoas com e sem deficiência, fato que, obviamente vai de encontro aos ideários da educação inclusiva. Carmo (2002, p. 5) questiona essa visão tradicional (e excludente) dos esportes adaptados e questiona os estudos da área ao pontuar que "(...) é justamente aí que reside o grande desafio para a comunidade científica da área, isto é, conciliar os princípios da Educação Física Adaptada com os princípios da inclusão escolar, que em tese são contraditórios". Nesse momento é importante destacar também a definição de Educação Física adotada por Bracht (2014) como "uma prática de intervenção e o que a caracteriza é a intenção pedagógica com que trata um conteúdo que é configurado/retirado do universo da cultura corporal de movimento" (BRACHT, 2014, p. 32-33).

Uma vez admitidas as práticas do esporte adaptado como conteúdo a ser trabalhado dentro da cultura corporal, devemos ponderar que este conhecimento teórico deve ser tomado em sua totalidade, ou seja, levando em consideração sua construção histórica, seus aspectos sociais, políticos e culturais. Noutros termos, o que se ressalta aqui não é que não se deve levar em consideração ou estimular nos alunos o conhecimento de ordem física e técnica, mas sim ressaltar que estes não são os únicos objetos da Educação Física Escolar.

Embora estejamos ressaltando uma proposta que visa a incluir o esporte adaptado como conteúdo a ser promovido pelos docentes de Educação Física em uma perspectiva educacional inclusiva, deve-se advertir que a transposição e adaptação dos conteúdos almejados, uma vez feitos sem a devida visão crítica, apenas reiterará e contribuirá para a manutenção do *status quo*, isto é, para a manutenção das desigualdades e das esferas distintas entre aqueles que vivem um universo escolar regular para com aqueles excluídos dessa esfera. Logo, ao se promover a pedagogização dos conteúdos e da prática esportiva, recai sobre o professor o papel de ligação entre o conhecimento esportivo sistematizado e o processo educativo inclusivo, sendo importante reiterar a desconstrução do modelo do "esporte de rendimento" para o ideário de um "esporte da escola", como destacado por Kunz (2006).

A esse respeito é importante salientar, ainda segundo Kunz (2006), que ao se buscar a divisão entre aquilo que classificamos como sendo esportes de rendimento e o esporte escolar, faz-se necessário definirmos, inicialmente, o que entendemos aqui

por "educacional". O autor compreende a educação como um universo mais amplo, abarcando toda e qualquer reação orientada sobre os fatores de desenvolvimento do homem. O autor utiliza o conceito de "encenação do esporte" como objeto de ensino ou como modelo pedagógico para abordagem dos conteúdos em aula:

O objetivo de ensino da Educação Física é, assim, não apenas o desenvolvimento das ações do esporte, mas propiciar a compreensão crítica das diferentes formas da encenação esportiva, os seus interesses e os seus problemas vinculados ao contexto sociopolítico. É, na prática, permitir apenas o desenvolvimento de formas de encenação do esporte que são pedagogicamente relevantes. (KUNZ, 2006, p. 73).

Partindo do pressuposto de que o conteúdo dos esportes adaptados, versados por meio da lógica da encenação do esporte como conteúdo educacional ¬– tal como propõe Kunz (2006) ¬–, pode ser tomado como um instrumento chave em uma abordagem inclusiva, sobretudo como conteúdo a ser trabalhado nas aulas de Educação Física. Seguimos, então, a obra de Kunz (2006), o tomamos então como sendo o eixo norteador da proposta de transposição didática em busca de uma educação física inclusiva.





2. Construindo movimentos de aproximação

2.1. Esportes adaptados e inclusão escolar

Segundo o dicionário online Aulete Digital, a palavra adaptação pode ser entendida como: "ação de adaptar, de ajustar uma coisa à outra ou a uma situação; ADEQUAÇÃO. [+ a: Trabalharam na adaptação das regras às novas condições]" (ADAPTAÇÃO, 2021).

Esse conceito é utilizado na literatura, música, biologia, arquitetura e mesmo psicologia para tratar da ambientação, acomodação ou alteração de indivíduos ou obras artísticas numa determinada situação ou para um determinado fim. Assim também acontece no esporte. No ambiente escolar, entendemos que o Esporte Adaptado pode e deve alterar regras, matérias ou o que seja necessário de forma que possa se adequar a diferentes objetivos ou as situações específicas que se apresentem no contexto da aula.

A adaptação de modalidades esportivas de modo a permitir a participação/inclusão de alunos com deficiência representa uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento para todos os envolvidos – o aluno em si, seus colegas e o professor.

Para Costa e Sousa (2004), uma aula de educação física pensada a partir de uma perspectiva de inclusiva deve levar em consideração principalmente:

- A potencialidade e a limitação são características comuns a toda pessoa, com ou sem deficiência.
- As limitações impostas pela deficiência devem ser de conhecimento do professor, no intuito de evitar sub ou superestimação, ou mesmo constrangimento por parte do aluno com deficiência ou dos demais alunos.
- Os objetivos a serem alcançados devem ser claramente definidos para que se possa elaborar a melhor estratégia de Ensino.
- Busque desenvolver atividades que proporcionem alegria, prazer e motivação.
- Tome cuidado com atitudes superprotetoras, pois o aluno com deficiência faz parte do projeto, ela não é o projeto.
- Valorize os acertos e deixe o aluno tentar realizar a atividade em seu tempo.

Assumimos aqui o conceito de inclusão escolar elaborado por Glat et al (2007), que ressaltam que o processo de inclusão por meio da escola significa conjecturar uma escola em que são plausíveis o acesso e a permanência de todos os alunos e defendem que os mecanismos de seleção e discriminação sejam ser substituídos por metodologias de identificação e remoção das barreiras para a aprendizagem. Os autores afirmam ainda que, uma educação inclusiva sugere um processo de reestruturação das perspectivas constitutivas da escola que envolvem sua gestão, assim como todo o sistema educacional.

[...] para se tornar inclusiva, a escola precisa formar seus professores e equipe de gestão, bem como rever as formas de interação vigentes entre todos os segmentos que a compõem e que nela interferem. Isto implica em avaliar e redesenhar sua estrutura, organização, projeto político-pedagógico, recursos didáticos, práticas avaliativas, metodologias e estratégias de ensino (GLAT et al., 2007, p. 6).

Nesse sentido, o termo "educação inclusiva" não pode ser resumido à uma educação escolar direcionada à população-alvo da Educação Especial, nem à escolarização desse público em classes ditas "normais", visto que os indivíduos os quais esse conceito se refere é muito mais ampla.

2.2. Atividades de sensibilização

A visão historicamente tecnicista da Educação Física acaba fortalecendo entre os próprios alunos uma visão pouco inclusiva dos conteúdos e atividades do componente curricular. Assim, não é de se admirar que qualquer proposta alternativa ao ideal de competitividade e disputa encontre certa resistência entre eles.

Em nossa experiência identificamos como necessária uma aproximação prévia com os alunos, criando antes um vínculo afetivo, de confiança e de uma ponte dialógica segura para que as atividades alternativas às tradicionais tivessem êxito. Para isso, foi necessário primeiramente fazer algumas estratégias que chamo nesta pesquisa de "movimento de aproximação e sensibilização", que pode ser caracterizado como um momento de construir sentido e significado do que queremos apresentar. Essas atividades têm o objetivo de criar um ambiente mais propício, mais acolhedor para o debate acerca da inclusão.

Para tentarmos avaliar o efeito dessas atividades na percepção dos alunos, fazíamos rodas de conversa antes e depois das práticas, observando se houve ampliação do entendimento a respeito do tema, bem como os sentimentos e significados construídos a partir da experiência vivenciada.



Figura 1 – Roda de conversa: apresentando a proposta de prática.

Fonte: Arquivo do autor.

A seguir, sugerimos algumas atividades utilizadas em nossas aulas e que podem contribuir com o processo de aproximação e sensibilização. Com essa proposta não queremos, contudo, esgotar as diversas possibilidades de criação. São apenas sugestões, que podem e devem ser reconstruídas a partir de cada contexto escolar.

Experenciar é preciso

Objetivo: Conhecendo as pessoas com necessidades específicas.

O que precisa:

- vendas;
- lápis;
- papel.

Organização:

- Com os alunos, faça um levantamento de algumas atividades do cotidiano escolar;
- Escrevam em tiras de papel e depositem num recipiente para que possam ser sorteadas;
- Formem duplas de alunos, onde um deverá estar vendado e o outro não;
- Cada dupla deverá retirar do recipiente com uma sugestão de tarefa e executá-la;
- A seguir, os participantes podem trocar de papel e sortear mais uma tarefa;
- Ao final de um ou duas rodadas, peça aos alunos que compartilhem as dificuldades encontradas, impressões e sentimentos.

Atividade subsequente: Pedir aos alunos que pesquisem sobre os esportes praticados por pessoas com deficiência visual.

Outras possibilidades: Esta atividade pode ser desenvolvida de modo a simular com outros tipos de deficiência. Por exemplo: colocar meias nas mãos ou colocar um braço ou os dois para dentro da camiseta, simulando uma amputação dos membros superiores.

O meu campus é acessível?

Objetivo: Conhecer sobre as questões de acessibilidade do seu *campus*.

O que precisa:

- papel;
- lápis.

Organização:

- Exposição dialogada sobre o conceito de acessibilidade aos alunos;
- Dividir a turma em grupos;
- Os alunos devem circular pelo campus e imediações (se possível), observando e anotando suas impressões a respeito do tema acessibilidade. O campus é de fácil acesso para pessoas com dificuldade de

mobilidade? Existem sinalizações em braile ou efeitos sonoros? O que poderia ser feito para que a campus fosse mais acessível?

O que cada um nós fazemos de melhor?

Objetivo: Perceber as diferentes potencialidades de cada um.

O que precisa:

- papel;
- lápis.

Organização:

- Divididos em grupos de 3 pessoas, os alunos devem listar pelo menos duas semelhanças e duas diferenças entre eles;
- Na sequência também devem listar pelos menos duas coisas que cada colega faz bem;
- A partir do que foi listado os alunos devem discutir a importância das diferentes características de cada um na construção de uma sociedade.

Em busca de um laço

Objetivo: Construindo a cidadania.

Organização:

- Os alunos devem tentar dar um laço utilizando apenas uma das mãos (aqueles sem calçado com cadarço podem contribuir com sugestões ou pegar emprestado um pé de sapato alheio para a atividade);
- Depois de transcorrido o tempo delimitado para a realização da atividade, estimular os alunos para que apontem as dificuldades e soluções encontradas, discutindo sobre independência, autonomia e como esses conceitos estão representados na nossa sociedade.

Outras possibilidades: Eleger um esporte Paralímpico que tenha um correspondente Olímpico e discutir suas semelhanças e diferenças, buscando compreendê-las.

Conhecendo um paratleta

Objetivo: Conhecer um paratleta e a realidade deles.

Organização:

- Convidar um paratleta para um encontro com os alunos;
- Avisar aos alunos do encontro e informar o esporte praticado pelo convidado para que façam uma pesquisa prévia;

Outras possibilidades: Escrever uma crônica para o jornal ou revista do campus contando suas percepções a respeito do encontro;

2.3. Conhecendo os esportes paralímpicos

Ainda como parte desse momento de aproximação, apresentamos a história das dos Jogos Paralímpicos e suas modalidades, por meio de imagens, textos e principalmente vídeos. Fizemos várias aulas teóricas, expositivas e com rodas de conversa sobre o tema, com isso buscamos construir uma imagem diferente que muitos dos alunos têm em relação a pessoas com deficiência, pois os Jogos são uma expressão estética, plástica da prática esportiva. O objetivo era ressignificar a percepção de deficiência. Nesse ponto é importante enfatizar que a intenção não é mostrar uma imagem de "super-heróis" e relativizar as diversas limitações que marcam as pessoas com deficiência, e sim reconstruir uma imagem de ineficiência que por vezes é hegemônica no imaginário social.



Figura 2 – Aula teórica: apresentação dos esportes paralímpicos.

Fonte: Arquivo do autor.

Início das Paralimpíadas

A prática de esportes por pessoas com deficiência não é recente, com os primeiros registros oficiais datando do século XIX. Segundo o IPC - *International Paralympic Committee* (20--b) o marco na história paralímpica foram os Jogos de Stoke Mandeville, de 1948, organizados por Ludwig Guttmann (neurologista e neurocirurgião do Hospital de Stoke Mandeville – criado em 1944 o hospital foi o primeiro centro que utilizava o esporte como ferramenta na reabilitação de soldados com lesões medulares).

No entanto, só em 1960, em Roma, na Itália se tornaram os Jogos Paralímpicos e desde então, eles acontecem a cada quatro anos. A partir dos Jogos de Verão de Seul, na Coreia, em 1988, e os Jogos de Inverno em Albertville, na França, em 1992, as competições acontecem nas mesmas cidades e locais das Olimpíadas, devido a um acordo entre o IPC e o IOC - *International Olympic Committee*.

Como funciona a classificação funcional?

Podem participar dos Jogos Paralímpicos atletas com diferentes tipos de deficiência: física, visual ou intelectual. O objetivo é que, ao classificar e agrupar os atletas a partir desta classificação, o impacto das deficiências no desempenho esportivo do atleta seja minimizado e "o sucesso de um atleta seja determinado pela habilidade, preparação física, potência, resistência, capacidade tática e foco mental". (OLYMPICS, 2020). O sistema de classificação funcional é diferente em cada modalidade e irá definir os atletas que podem ou não competir.

De forma resumida, são 10 as deficiências "elegíveis": força muscular limitada, amplitude de movimento passivo, deficiências no(s) membro(s), baixa estatura, diferença de comprimento nos membros inferiores, hipertonia, ataxia, atetose e deficiência intelectual, deficiência visual (INTERNATIONAL PARALIMPIC COMMITTEE, 2019).

A seguir, elencamos as modalidades apresentadas e suas principais características¹:

APRESENTANDO AS MODALIDADES PARALÍMPICAS²

Atletismo

Podem competir: atletas com deficiências física, visual e intelectual; Gênero: masculino e feminino;



Os competidores são divididos em classes esportivas de acordo com a funcionalidade na prática esportiva para atletas com deficiência física e acuidade visual para atletas com deficiência visual. Os que disputam provas de pista (velocidade, meio fundo, fundo e saltos) e de rua (maratona e meia maratona), levam a letra T (track) em sua classe. Já os atletas que fazem provas de campo (arremessos, lançamentos) são identificados com a letra F (field) na classificação.



Basquetebol em cadeira de rodas

Podem competir: atletas com deficiência física e motora;

Gênero: masculino e feminino.

A quadra de basquetebol e a tabela não sofrem qualquer adaptação para receber os atletas em cadeira de rodas. O jogador deve quicar, arremessar ou passar a bola a cada dois toques dados na cadeira e não pode tocar a quadra com os pés. São disputados quatro quartos de 10 minutos cada. Cada equipe de 5 atletas tem 24 segundos de posse de bola para finalizar um ataque; caso extrapole esse tempo, a posse de bola passa à equipe adversária. Se houver empate, começa uma prorrogação de cinco minutos e assim sucessivamente até que se tenha um vencedor.

¹ Adaptado de: Comitê Paralímpico Brasileiro - Modalidades (20--a).

² Serão listadas aqui as modalidades referentes aos Jogos Paralímpicos de 2020.

Bocha

Podem competir: atletas com elevado grau de paralisia cerebral ou deficiências severas;

Gênero: masculino e feminino.



As partidas podem ser individuais, em dupla ou por equipe (trios). O objetivo é lançar as bolas vermelhas e azuis (a cor para cada lado é decidida por "cara e coroa" antes da partida) o mais próximo da bola branca que serve de alvo, chamada de bolim (em inglês, jack). Todos os atletas competem em cadeira de rodas. No caso de atletas com maior grau de comprometimento, é permitido o uso de uma calha para dar mais propulsão à bola.



Canoagem

Podem participar: atletas com deficiência físico-motora;

Gênero: masculino e feminino

A canoagem (ou paracanoagem) teve sua primeira participação nos jogos olímpicos em 20166. É um esporte náutico de velocidade disputado geralmente em canais de águas calmas. O percurso tem 200m e é realizado em raias demarcadas por boias. Porém, em campeonatos brasileiros, existem também provas de velocidade 500m de caiaque (identificados pela letra K) e de Va'a (canoas havaianas, identificadas com a letra V). Cada barco é adaptado conforme as necessidades do canoísta. As adaptações são realizadas principalmente na pegada do remo e nos assentos, buscando a posição em que o atleta utilize todo o seu potencial.

Ciclismo

Podem participar: Paralisados cerebrais, deficientes visuais, amputados e lesionados

medulares (cadeirantes);

Gênero: masculino e feminino

Os atletas, individualmente ou por equipes, podem competir em quatro tipos de bike, de acordo com a deficiência: convencional, tricicolo, tandem e handbike. Participam de provas de pista, realizadas em velódromos, e de estrada.

Esgrima em cadeira de rodas

Podem participar: atletas com deficiência motora

Gênero: masculino e feminino



Na esgrima em cadeira de rodas, os atletas competem individualmente e em equipe (três atletas por equipe) em combates de espada, florete e sabre – este, somente no masculino. Nas provas de florete, pontua quem tocar a ponta da lâmina no tronco do rival. Na espada, faz o ponto quem toca a ponta da arma em qualquer parte acima da cintura do rival. No sabre, qualquer toque com qualquer parte da lâmina acima do quadril do adversário vale ponto. As cadeiras são fixadas na pista de competição, de 4m de comprimento por 1,5m de largura, a uma distância definida em função do atleta com o alcance mais curto – com o braço armado estendido, a ponta da sua arma deve constituir uma ameaça à área de pontuação do adversário.

Futebol de 5

Podem participar: atletas com deficiência visual (exceto goleiro);

Gênero: masculino

Participam 5 jogadores (4 vendados e o goleiro, com visão total). As partidas, normalmente, são em uma quadra de futsal adaptada, mas, desde os Jogos Paralímpicos de Atenas 2004, também têm sido praticadas em campos de grama sintética. O goleiro atua dentro de uma área retangular de 2m x 5m. O jogo é dividido em dois tempos de 25 minutos, com 10min de intervalo. Há um guizo no interior da bola para emitir sons. Os atletas possuem três guias para orientá-los (o goleiro, o chamador e o técnico).



Goalball

Podem participar: atletas com deficiência visual

Gênero: masculino e feminino

Criado especificamente para deficientes visuais, o Goalball é disputado numa quadra de 9m x 18m. De cada lado da quadra, há um gol com 9m de largura e 1,30m de altura. Cada equipe é formada por três titulares e três reservas (todos vendados), que são ao mesmo tempo arremessadores e defensores. Todas as linhas da quadra são táteis (demarcadas com um barbante sob uma fita adesiva) para facilitar a orientação dos jogadores. A bola possui um guizo em seu interior e deve ser arremessada de maneira rasteira. Ao ser lançada, ela deve tocar o solo ainda na área de lançamento e tocar pelo menos uma vez a área neutra de qualquer um dos lados. O jogo é dividido em dois tempos de 12 minutos cada, com três minutos de intervalo.

Halterofilismo

Podem participar: atletas com deficiência física nos membros

inferiores, baixa estatura e paralisados

Gênero: masculino e feminino

2

Os atletas executam um movimento chamado supino, deitados em um banco. Cada competidor tem três tentativas. O maior peso levantado é considerado como resultado final. Os atletas competem em Classe Única, divididos por categorias de peso corporal, assim como na versão olímpica.



Hipismo

Pode competir: atletas com deficiência física nos membros inferiores,

baixa estatura, deficientes visuais e paralisados;

Gênero: masculino e feminino

É disputado somente na modalidade adestramento paraequestre, com as seguintes provas: individual, estilo livre individual e por equipes. O cavaleiro deve controlar os movimentos do cavalo numa série de manobras em diferentes andaduras – passo, trote ou galope, denominada reprise. O objetivo é avaliar a condução do conjunto formado por cavaleiro e cavalo, verificando a capacidade da montaria de responder a comandos específicos. Os cavaleiros são classificados de acordo com a sua deficiência e julgados pela sua capacidade ou habilidade equestre.

Judô

Podem participar: atletas com deficiência visual

Gênero: masculino e feminino

No judô o atleta deve derrubar o adversário com as costas voltadas para o chão, imobilizá-lo no solo por 20 segundos ou forçá-lo a desistir. A luta inicia com a pegada estabelecida e dura cinco minutos, podendo ser interrompida se os atletas perderem totalmente o contato. No caso de empate, são acrescidos mais três minutos, e o primeiro lutador que efetuar alguma pontuação será o vencedor. Ainda permanecendo o empate, cabe aos árbitros decidir quem foi o melhor lutador.

Natação

Podem participar: Físico-motora, visual, intelectual

Gênero: feminino e masculino



Numa piscina que segue os mesmo padrões olímpicos os atletas nadam provas individuais e de revezamento nos estilos livre, costas, peito, borboleta e medley, em distâncias que variam de 50m a 400m. Para o estilo livre, há provas de 50m a 400m; para os estilos peito, costas e borboleta, provas de 50m e 100m, e para o nado medley, provas de 150m e 200m. A prova de 150m medley individual é oferecida aos atletas com deficiência severa e composta de três estilos – costas, peito e livre –, enquanto a medley de 200m inclui também o estilo borboleta. As adaptações são feitas nas

largadas (largada pode ser feita de diversas posições, com ou sem auxílio, conforme o grau de funcionalidade de cada atleta), viradas (os nadadores cegos recebem um aviso do tapper, por meio de um bastão com ponta de espuma quando estão se aproximando das bordas) e chegadas.



Parabadminton

Podem participar: atletas com deficiência física

Gênero: masculino e feminino

O Parabadminton participou pela primeira vez dos Jogos Paralímpicos na edição de 2020. Atletas em cadeira de rodas e andantes utilizam uma raquete para golpear uma peteca na quadra dos adversários. Para se fazer o ponto é necessário que a peteca toque o chão da quadra do adversário ou que ele cometa um erro, como jogar a peteca para fora da quadra. As competições acontecem em provas individuais, duplas e mistas, divididas em seis classes funcionais diferentes. As dimensões da quadra variam de acordo com as classes.

Parataekwondo

Podem participar: atletas com deficiência física

Gênero: masculino e feminino



Assim como Parabadminton, o Parataekwondo participou pela primeira vez dos Jogos Paralímpicos na edição de 2020. O esporte é disputado por dois atletas, um com colete azul e outro vermelho. O colete possui sensores capazes de medir a potência do chute quando em contato com a meia do oponente. A meia tem 12 sensores em pontos distintos do pé. A área de atuação da luta é igual à das disputas convencionais: um espaço de 8m x 8m e assim como nas competições do taekwondo, ela também é dividida por peso. A principal diferença do parataekwondo é no sistema de pontuação e nas faltas (não é permitido chute na cabeça).



Remo

Podem participar: atletas com deficiência física e visual

Gênero: masculino e feminino

Com o objetivo de completar em menor tempo o percurso de 1000m em linha reta, as provas de remo são realizadas em barcos longos e estreitos, tripulados por um dois ou quatro remadores, cada um utilizando um ou dois remos. São seis raias de competição e duas de escape, cada uma com 13,5m de largura, demarcadas com boias a cada 250m. O primeiro barco a cruzar a linha de chegada é o vencedor. Existem três tipos de barcos – Single-Skiff (1x), Double-Skiff (2x), Quatro com Timoneiro (4+) –, e em todos os remadores ficam de costas para a proa (ponta dianteira do barco) no sentido de seu deslocamento.

Rúgbi em cadeira de rodas

Podem participar: atletas com tetraplegia e equivalentes

Gênero: masculino e feminino



No Rúgbi os nbjogos ocorrem em quadras de 15m de largura por 28m de comprimento (quadra de basquete) em 4 períodos de 8 minutos com três intervalos. O objetivo é passar da linha do gol com as duas rodas da cadeira e a bola nas mãos. Assim como no rugby convencional, a modalidade para cadeirantes tem muito contato físico. O contato entre as cadeiras de rodas não é, necessariamente, considerado falta, sendo parte natural do jogo.



Tênis de mesa

Podem participar: atletas com deficiência físico-motora

Gênero: masculino e feminino

A partida tem cinco sets de 11 pontos cada. Para ganhar um set, é necessária uma diferença de dois pontos. Em caso de empate em 10 a 10, vence o set quem primeiro abrir dois pontos de vantagem. O jogo termina quando um mesatenista que ganhar três dos cinco sets. Os jogos podem ser individuais, em duplas ou por equipe. No caso

de cadeirantes, o saque deve ser executado de modo que a bola sempre saia pela linha de fundo adversária – caso ela saia pela linha lateral, o saque é repetido quantas vezes forem necessárias. Para andantes, as regras são as mesmas do Tênis de Mesa Olímpico.

Tênis em cadeira de rodas

Pode participar: atletas com deficiência de locomoção

Gênero: feminino e masculino

O Tênis em cadeira de rodas segue quase todas as regras do olímpico. Diferença principal é que a bola pode quicar duas vezes em quadra antes de ser rebatida, sendo o primeiro quique obrigatoriamente dentro da quadra. O objetivo do jogo é fazer com que a bola toque a parte adversária da quadra e que o adversário não consiga devolvê-la corretamente. As partidas são jogadas individualmente ou em duplas. Cada uma tem três sets, e vence o atleta que ganhar dois.

Tiro esportivo

Pode participar: atletas com deficiência física (membros superiores

ou inferiores)

Gênero: feminino e masculino



O tiro esportivo é uma modalidade que exige concentração, técnica e prática no qual os atletas realizam uma série de disparos para atingir o centro de um alvo estático. Carabinas e pistolas de ar são utilizadas nos eventos de 10 metros de distância. Já nos 25 metros, é uma pistola de perfuração (pólvora) que toma conta da disputa. Carabinas de perfuração e pistolas são as armas das provas de 50m. O alvo é composto de dez círculos concêntricos e seu diâmetro varia conforme o tipo de arma e a distância de tiro. As circunferências do alvo valem de 1 a 10 pontos e são subdivididas, cada uma, entre 0,1 e 0,9 pontos. A menor e mais central é a que vale mais: dez pontos. Em cada prova, o competidor tem direito a um número específico de tiros a serem disparados num tempo pré-estabelecido – variam entre

40, 60 e 120 tiros. As provas são definidas ainda pela posição de tiro a ser adotada, que pode ser em pé, sentada/ajoelhada e deitada.

Tiro com arco

Podem participar: Amputados, paralisados, paralisados cerebrais, doenças disfuncionais e progressivas, lesionados da coluna e múltiplas deficiências

Gênero: masculino e feminino

O tiro com arco é um esporte de muita concentração e precisão. As regras da modalidade paralímpica são as mesmas da olímpica. O objetivo é atirar flechas num alvo à 70m de distância e com 122 cm de diâmetro, constituído por dez circunferências concêntricas. A pontuação de cada circunferência aumenta conforme diminui seu tamanho e a proximidade do centro – um tiro na zona mais externa vale um ponto e um tiro no centro vale dez pontos. Se a flecha ficar no limite entre duas circunferências, considera-se a de maior valor. Se uma flecha perfurar outra, a mesma pontuação da primeira é dada à segunda. Além das provas individuais, a modalidade ainda conta com a disputa por equipes, com três arqueiros em cada time.



Triatlo

Quem pode participar: cadeirantes, amputados e cegos

Gênero: feminino e masculino

A prova engloba 750m de natação, 20km de ciclismo e 5km de corrida. Na parte do ciclismo os atletas podem usar uma bicicleta de mão (handcycle), uma bicicleta tandem ou bicicleta comum. Na parte da corrida podem fazer uso de cadeiras de corrida e os atletas cegos podem contar com um corredor guia. Dependendo da classe, o atleta poderá contar também com um auxiliar que ajudará com a troca de vestimenta e equipamentos.

Voleibol sentado

Podem participar: atletas com deficiência física e de locomoção

Gênero: feminino e masculino

O voleibol sentado é disputado com 6 jogadores em cada equipe, numa quadra de 10m x 6m, com uma rede de 1,15m de altura para o masculino e 1,05m de altura para o feminino. As regras são as mesmas do vôlei olímpico (melhor de 5 sets). A exceção é que se pode bloquear o saque. Os quatro primeiros vão a 25 pontos (a menos que haja empate em 24, quando a disputa é prorrogada até que um time abra vantagem de dois pontos) e o último vai a 15 (valendo a mesma regra em caso de empate em 14 pontos). O contato da pelve com o chão deve ser mantido o tempo todo, a exceção do momento de deslocamento do atleta. O contato das pernas entre jogadores adversários é aceito, desde que não interfira na jogada.



3. Movimentos de vivência e experimentação

Apresentaremos agora, de forma mais detalhada, os conteúdos escolhidos para tematizar as práticas corporais adaptadas. Essa escolha levou em consideração a realidade dos *campi* nos quais trabalhei e executei a pesquisa. Optei pelas modalidades adaptadas mais populares do universo Paralímpico, a saber: o Voleibol sentado, o *Goalball*, o jogo de Bocha e o Futebol de 5. Parti do pressuposto que, limitando o processo educativo a apenas esses quatro esportes adaptados, poderiam me dedicar mais aos aspectos didático-inclusivos envolvidos no processo. No entanto, destacamos que existem inúmeras formas de se fazer a transposição didática, bem como adaptar outras modalidades ou construir novos jogos.

3.1. A vivência do voleibol sentado

3.1.1. Conhecendo a modalidade

Antes de iniciarmos a incursão sobre a experiência da prática inclusiva do voleibol sentado, acreditamos ser importante ressaltar um pouco de sua história. O voleibol sentado teve sua origem em 1956, na Holanda. Desde 1967 são realizadas competições internacionais. Contudo só se torna uma categoria de Jogos Paralímpicos em 1980. O esporte foi introduzido no Brasil com o projeto do professor Ronaldo Gonçalves de Oliveira, em 2002, na cidade de Mogi das Cruzes (SP), a partir de uma modalidade similar ao vôlei sentado, visando à integração de pessoas com poliomielite (MELLO; WINCKLER, 2012).

No voleibol sentado, podem competir: atletas amputados, principalmente de membros inferiores; pessoas com outros tipos de deficiência locomotora (sequelas de poliomielite, por exemplo); com sequelas permanentes no joelho, quadril, tornozelo ou semelhante; *les autres* - neste caso, com certas amputações, paralisia cerebral, lesão medular e poliomielite.

A equipe é composta por 6 jogadores em cada time. Os jogadores são divididos em dois grupos, de acordo com o grau de limitação ocasionado pela sua deficiência.

Pessoas com amputações e com problemas locomotores mais acentuados são classificados como D (*disabled*). Já as pessoas que possuem deficiências quase imperceptíveis como problemas de articulações leves ou pequenas amputações nos membros são classificados como MD (*minimallydisabled*). Cada equipe só pode contar com dois jogadores da classe MD no time, sendo que eles não podem estar em quadra ao mesmo tempo (WORLD PARAVOLLEY, 20--e).

A altura da rede no voleibol sentado é de 1,15m para os homens e 1,05m para as mulheres. As medidas do vôlei olímpico são 2,43m para os homens e 2,24m para as mulheres. A quadra, que se divide em zonas de ataque e defesa, mede 10m x 6m.

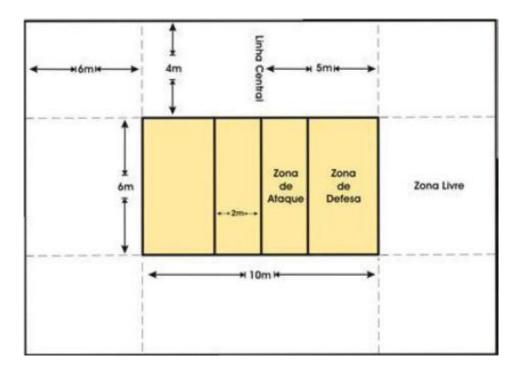


Figura 3 – Quadra de vôlei sentado.

Fonte: REGRAS OFICIAIS DO VÔLEI SENTADO (20--d).

As principais regras são: todos os participantes têm de jogar sentados. Não há problemas se acontecer o contato das pernas de jogadores de um time com os do outro, porém as mesmas não podem atrapalhar o jogo do adversário. O contato com o chão precisa ser mantido em toda e qualquer ação, com exceção dos deslocamentos em quadra. No voleibol sentado, o saque pode ser bloqueado.

3.1.2. Adaptando materiais para a prática

Quadra:

- Evite um piso áspero e com muita incidência do sol (podem ocorrer cortes e queimaduras nas mãos, glúteos e pernas dos alunos);
- A limpeza da local é importante, pois contribui para a higiene do ambiente e motiva a participação de todos na aula;
- Para demarcar a quadra utilize a linha central do vôlei convencional e fita adesiva (5 cm) que contraste com a cor do piso. Faça as marcações das linhas laterais, de ataque e fundo.
- Para montar a rede, utilize os postes: com uma trena defina a altura de 1,15 metros para o masculino e 1,05 metros para o feminino. Pelas regras oficiais ela deve ter 80 cm de largura. Caso possua a rede convencional, diminua a largura unindo a última fileira de gomos (espaços entre os nós) em toda a extensão da rede, com fita adesiva.



Figura 4 – Demarcando a quadra de voleibol sentado.

Fonte: Arquivo do autor.

Roupas:

 Sugerimos o uso de calças compridas com tênis ou meião que auxiliem no deslocamento sentado. Podemos utilizar colchonete para sentar, caso algum aluno apresente desconforto.

O jogo:

O voleibol sentado requer, dos membros superiores, o mover-se na quadra e a
execução dos fundamentos de ataque e defesa. Inicialmente, essas duas ações
não acontecem de maneira automática, ou seja, no tempo certo. A princípio
podem ser usadas bolas mais leves (bolas de espuma, bexigas e bolas de plástico maiores), o que atrasa um pouco o movimento da bola no ar, contribuindo para que o aluno se adapte ao deslocamento e à execução do gesto técnico
de maneira eficiente.

3.1.3. O processo de intervenção

Objetivando promover vivências e experiências corporais sobre algumas das modalidades de esportes adaptados, iniciamos uma aula apresentando aos alunos o vôlei sentado, primeira modalidade a ser trabalhada dentro do programa inclusivo proposto. A escolha por iniciar pelo vôlei sentado se justifica por se tratar de uma prática mais fácil de ser assimilada pelos alunos, sobretudo pelo conhecimento das regras (similares ao vôlei convencional), além da facilidade de adaptação do espaço a ser utilizado (alteração do tamanho da quadra e a altura da rede).

Para a aula inicial, a proposta foi para que os alunos conhecessem a modalidade a partir própria prática, intuindo as particularidades e adaptações do jogo de forma imediata. Inicialmente, reunimos os estudantes no centro da quadra e comunicamos, de forma simples, as principais diferenças em relação ao vôlei convencional. Feito isso, ocupamos meia quadra do vôlei convencional, separando-a em dois campos de prática, alocando todos os alunos presentes para participarem da atividade de forma simultânea. Em síntese, dividimos para a prática os alunos em dois grupos: cada grupo foi posicionado sentado em cada meia quadra, ocupando todo o espaço. Ou seja, ao mesmo tempo tínhamos dois jogos sendo realizados com quatro times, tendo cada time seis integrantes. No primeiro momento, os alunos utilizaram sobretudo os fundamentos toque e manchete. No entanto, eles encontraram certa dificuldade em controlar a bola a partir desses fundamentos técnicos, principalmente por estarem

sentados e não conseguirem utilizar a maior a movimentação corpórea habitual para o movimento. Dessa forma, tais dificuldades foram problematizadas e solucionadas em conjunto com os próprios alunos e, visando resolver essa situação e fluir melhor o jogo, chegamos à conclusão (professor e alunos) que a bola podia ser agarrada ao recebê-la e, depois, passada para o colega, sendo que a bola tinha que passar por todos os integrantes da equipe antes de ser jogada para o oponente.



Figura 5 – Alunos vivenciando o voleibol sentado.

Fonte: Arquivo do autor.

No decorrer da aula, as regras inicialmente estabelecidas foram recebendo modificações conforme a necessidade, com o intuito de proporcionar um jogo mais fluido, utilizando os fundamentos mais próximos do jogo formal. Notamos, ainda, que apesar da facilidade proporcionada aos alunos pelo fato de já saberem a maioria das regras do vôlei convencional, isto também promoveu muitos questionamentos, principalmente quando se tentava adequar novas regras. Cabe destacar que isso ocorreu não somente em virtude dos ajustes

necessários à prática para pessoas com deficiência, mas também quando buscávamos adequar às regras em para que o jogo se tornasse atraente para a turma como um todo.

É importante destacar que a desconstrução das regras sistematizadas do esporte de rendimento também se constitui como uma tarefa a ser feita com os alunos, seja em paralelo ou até mesmo antes que os esportes adaptados sejam apresentados como conteúdo de ensino nas aulas de Educação Física. Sobre isso, Bracht (2014) diz que a própria Educação Física, na década de 70, se coloca:

[...] Explicitamente e planejadamente a serviço do sistema esportivo, desempenhando o papel de base da pirâmide, sistema esse que possuía como culminância a alta performance esportiva. Dessa forma, as regras institucionalizadas deveriam ser reproduzidas, inclusive e principalmente, no espaço escolar, para que, assim, os objetivos de que a escola se tornasse o principal espaço de formação de atletas se efetivasse. Fato que a própria Educação Física desconsidera atualmente (BRACHT, 2014, p. 21).

Aplicando a proposta em sala, perguntamos primeiro aos alunos se o vôlei sentado era mais simples de ser praticado do que o vôlei em pé. Nesse sentido, disseram que a prática do vôlei sentado era sim mais fácil, mas que o vôlei em pé era "mais divertido". Desde os primeiros momentos houve, no entanto, grande participação e envolvimento da turma, provavelmente por ter sido a primeira vez que praticavam tal modalidade.

Ainda sobre os momentos de indagação aos alunos nas aulas, perguntamos se no vôlei convencional a altura dos alunos fazia diferença. Todos disseram, imediatamente, que sim. Porém, ao questionar se a diferença na altura era relevante no vôlei sentado, disseram que não. Logo, notamos que a atividade proporcionou aos alunos uma maior noção de equidade de condições a partir da vivência dos esportes. Tal fato remete, por exemplo, ao que Kunz (2006) indica quando nos fala da competência social que o aluno tem que compreender em situações de aula:

Especialmente, nos conhecimentos e esclarecimentos que o aluno deve adquirir para entender as relações socioculturais do contexto em que vive, dos problemas e contradições dessas relações, os diferentes papéis que os indivíduos assumem numa sociedade, no esporte, e como esses se estabelecem para atender diferentes expectativas sociais (KUNZ, 2006, p. 40).

Assim sendo, Kunz indica que as competências não estão desassociadas e, tal como analisamos em aula, a competência social somente pode ser desenvolvida quando vinculada à competência comunicativa.

A Competência social deverá contribuir para um agir solidário e cooperativo, deverá levar os alunos à compreensão dos diferentes papéis sociais existentes no esporte e fazê-los sentir-se preparados para assumir esses diferentes papéis e entender/compreender os outros nos mesmos papéis ou assumindo papéis diferentes. Isso naturalmente não pode acontecer sem reflexão e sem muita comunicação em aula, ou seja, é pelo pensar e falar, enquanto competência comunicativa, que as estruturas para as interações humanas bem-sucedidas se estabelecem (KUNZ, 2006, p. 41).

Como objetivo de identificar nos alunos uma possível vivência deles no que diz respeito à questão da inclusão, questionamos em aula se eles já haviam jogado vôlei com algum aluno com deficiência, ao que responderam negativamente. Questionamos, então, se haviam gostado da prática, ao que responderam positivamente e demonstraram grande satisfação em experimentar pela primeira vez o jogo de vôlei sentado.

Na sequência, com o objetivo de analisar a forma como o conteúdo estava sendo compreendido, questionamos os alunos sobre o que eles notaram de diferente do vôlei convencional em relação ao vôlei sentado. Assim, eles relataram que o que mais chamou a atenção foi que era permitido bloquear o saque no vôlei sentado, algo bastante diferente do vôlei convencional. Outra mudança notada foi em relação à mudança que fizemos nas regras para a prática em algumas turmas, principalmente a possibilidade de poder segurar a bola para, depois, lançá-la de novo para o oponente ou para o colega. É importante dizer que, nessa situação de alteração de regras, alguns alunos estavam confundindo as regras e adaptações do vôlei sentado com aquelas modificações que fizemos em função da característica da turma ou para fluir melhor o jogo. Por isso, realizamos uma atividade pedagógica ao fim das aulas para apresentar as regras e, concomitantemente, refletir sobre as intenções das modificações em relação às características da turma para um melhor jogo.

Em outro momento didático, começamos a aula perguntando aos alunos sobre as atividades da aula anterior, com a finalidade de relembrar o ocorrido na última aula. Após uma breve conversa, chegamos juntos à conclusão de que o tempo gasto para organização da atividade na aula anterior foi longo. Pensando então em aproveitar o

tempo, decidimos que seria melhor realizar a atividade utilizando a quadra de vôlei inteira, ao invés de duas metades.

Iniciamos então a nova aula indicando aos alunos a regra de que eles somente poderiam se movimentar usando as mãos, fato que dificultou a ação. Por isso, sugerimos que seria permitido o deslocamento utilizando os pés e as mãos. Nesse momento, os alunos descobriram que o mais fácil seria a movimentação do "tipo caranguejo", sem encostar as nádegas no chão. No entanto, neste momento da aula, algo interessante aconteceu: um dos alunos disse que isso não deveria ser permitido, já que algumas pessoas com deficiência no não tinham pernas para se apoiar e se deslocar. O argumento desse aluno nos leva a deduzir que, para além de uma simples alteração na regra, o objetivo central de compreender a prática dos esportes adaptados na escola, como uma possibilidade de que os alunos pudessem vivenciar as condições de prática esportiva das pessoas com deficiência, estava sendo de fato compreendida. Afinal, eles não estavam somente pensando em si, mas se colocando no lugar do outro e entendendo as dificuldades e a partir das situações apresentadas e vivenciadas.

3.1.4. Sugestão de atividades

Prática 1 - Tema: Deslocamento na quadra

Roda de conversa antes:

Dialogar com os alunos a partir de alguns questionamentos tais como:

- Conhecem voleibol sentado?
- Já assistiram a um jogo dessa modalidade?

Atividade proposta - Quem é o dono da quadra?

Objetivo: deslocamento na quadra.

Organização:

- posicionar os alunos (sentados) nas linhas laterais, utilizando somente um lado da quadra e um aluno no meio (dono da quadra).
- Ao comando do professor os jogadores posicionados nas linhas laterais deverão conseguir deslocar-se para o outro lado, sem ser tocado pelo "dono da quadra" (jogador posicionado no meio da quadra);
- Caso a interceptação ocorra, o jogador deverá passar a ocupar da posição do meio.
- Com o decorrer da atividade, o professor pode variar a regra e orientar que o jogador interceptado una-se ao "dono da quadra".

Atividade proposta - Caranguejo Rei

Objetivo: deslocamento na quadra.

Organização:

- Os alunos devem se posicionar (sentados) em uma das linhas de fundo da quadra;
- 4 alunos (Caranguejos Rei) se posicionam nas linhas de 2 m (um em cada), central e na outra linha de fundo.
- Os "Caranguejos Rei" só poderão deslocar-se lateralmente. Os jogadores posicionados em uma das linhas de fundo deverão ultrapassar a outra linha de fundo, sem serem interceptados pelos Caranguejos Rei, utilizando o deslocamento frontal. Caso a interceptação ocorra o jogador deverá trocar de lugar com o Caranguejo Rei.
- Uma variação dessa atividade seria utilizar somente um lado da quadra, posicionando o jogador Caranguejo Rei na linha de 2m, que só poderá deslocar-se lateralmente. Ao comando do professor, os jogadores posicionados na linha de fundo deverão ultrapassar a linha de 2 m sem a interceptação pelo Caranguejo Rei. Caso a interceptação ocorra, ou o jogador fique por último, deverá trocar de lugar com o Caranguejo Rei.

Atividade proposta - *Pega-pega*

Objetivo: deslocamento na quadra.

O que precisa: fita adesiva.

Organização:

- marcar as linhas diagonais de um canto a outro da linha de fundo com fita adesiva;
- Um aluno se posiciona (sentado) no centro da quadra e os demais alunos ficam nas linhas de fundo e lateral;
- Todos os jogadores deverão deslocar-se sentados sobre as linhas. O aluno do centro estará livre para deslocar-se de todas as formas;
- Os demais jogadores, quando posicionados sobre as linhas de fundo, deverão deslocar-se de costas, nas linhas laterais, lateralmente.

Roda de conversa depois:

• Estimule os alunos a falar sobre suas percepções e aprendizados após as atividades.

Prática 2 - Tema: Fundamentos básicos do voleibol sentado

Roda de conversa antes:

Estimule os alunos a imaginar como será a dinâmica do jogo adaptado:

- Quais são os fundamentos básicos do Voleibol?
- Como são executados?

Atividade proposta - Comando

Objetivo: Praticar os fundamentos básicos do voleibol sentado.

Organização:

- Os alunos ficarão sentados em fileiras na horizontal, na posição de expectativa;
- Todas as vezes que o professor disser "MANCHETE", "TOQUE", "BLO-QUEIO", "SAQUE", "ATAQUE", os jogadores da posição de expectativa deverão executar o gesto do fundamento solicitado. O professor deverá falar os fundamentos com intervalos cada vez mais curtos entre eles.
- No decorrer da atividade podem ser acrescentados outros comandos de deslocamento: "FRENTE", "ATRÁS", "DIREITA", "ESQUERDA" para a execução dos alunos.

Atividade proposta - Jogo dos 5 cortes

Objetivo: praticar os fundamentos básicos do voleibol sentado.

O que precisa: bola de voleibol.

Organização:

- posicionar os alunos sentados em círculo.
- iniciar a atividade com o toque, sendo realizado, a partir dele, mais três passes por meio dos fundamentos manchete ou toque;
- realizar o fundamento do ataque, a cortada para atingir um dos integrantes.
- jogador que recepcionar a bola e a direcionar para outro jogador, será salvo, reiniciando a contagem.

Atividade proposta - vivenciando o voleibol sentado

Objetivo: Iniciação ao voleibol sentado.

O que precisa:

- Quadra de voleibol marcada com fita adesiva, nas medidas 10m x 6m;
- balões/bexigas;
- rede de voleibol ou barbante esticado na quadra a uma altura de 1,05m;
- bolas de voleibol.

Organização:

- dividir a turma em equipes de oito alunos de cada lado da quadra (todos devem estar sentados);
- iniciar um jogo utilizando balão/bexiga;
- cada equipe pode tocar no balão até três vezes antes de passá-lo para a quadra adversária.
- depois de transcorrido o tempo determinado, o jogo segue, desta vez utilizando uma bola de voleibol, os alunos devem passar a bola entre si, segurando-a acima da cabeça, e depois arremessá-la para o lado adversário (todos os componentes da equipe devem tocar uma vez na bola antes que ela seja passada para o outro lado).
- Para finalizar, os alunos devem experimentar o jogo propriamente dito. Pode-se iniciar com um número maior de jogadores em cada equipe e depois jogar com o número regular de seis jogadores.

Roda de conversa depois:

Estimule os alunos a comentar suas sensações durante e depois da participação nas atividades. Podem ser exploradas também quais as diferenças percebidas na execução dos fundamentos básicos do vôlei sentado em relação ao voleibol.

Dica: Uma estratégia para proporcionar a reflexão é adaptar as regras do esporte que será praticado junto com os alunos. Para isto, vale fazer uma análise do contexto escolar e das suas condições materiais. Os alunos devem identificar os materiais disponíveis e o ambiente esporte será praticado. Levantadas às limitações e necessidades, pode-se adaptar as regras visando à prática do esporte dentro do contexto existente. Os alunos também devem considerar o grupo e suas características na hora de elaborar as novas regras.

3.2. A vivência do goalball

3.2.1. Conhecendo a modalidade

Assim como outras modalidades paradesportivas, o Goalball com o objetivo de reabilitação dos veteranos da Segunda Guerra Mundial que perderam a visão no campo de batalha (MELLO; WINCLKER, 2012). Surge em 1946, sendo a única modalidade paralímpica que não foi adaptada de outra convencional. No Brasil o Goalball é praticado desde 1985, sendo a nossa primeira participação em olimpíadas em 2004.

Pelas regras oficiais, de acordo com o Comitê Paralímpico Brasileiro (20—a), o jogo tem dois tempos de 12 minutos, com intervalo de 3 minutos. A equipe é composta de três jogadores de cada lado; Ganha o time que marcar o maior número de gols; O gol só é válido se a bola tocar, ao menos uma vez, cada uma das áreas obrigatórias da quadra.

A quadra possui as mesmas dimensões de uma quadra de vôlei, com 9m de largura por 18m de comprimento. Ela deve ser dividida em 6 áreas de 3 metros cada. Dessa forma, cada um dos lados estará repartido em três partes: a área de orientação, a área de lançamento e a área neutra. Para que o arremesso seja validado, é preciso que a bola toque em todas as áreas do lado ofensivo e também na área neutra do lado adversário. O gol tem a mesma largura da quadra: 9m de largura e 1,3m de altura.

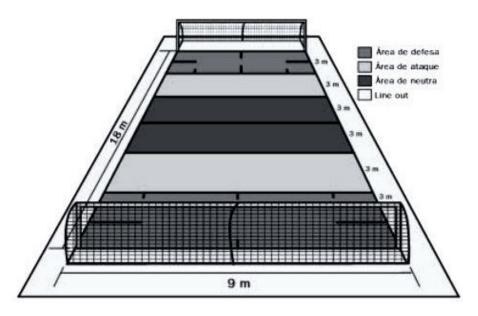


Figura 6 – Quadra de jogo do Goalball.

Fonte: REGRAS DO GOALBALL (20--c).

A bola oficial de Goalball é bem parecida com a de basquete. Ela tem cerca de 76cm de diâmetro e pesa 1,25kg. Para que os jogadores identifiquem o caminho da bola pelo som, colocam-se guizos no seu interior. Para que os jogadores possam ouvir com clareza o movimento da bola, a torcida só pode gritar durante as comemorações de gol.

A equipe de Goalball é composta por três titulares e três reservas. Todos os praticantes são defensores e arremessadores, ao mesmo tempo. Esses jogadores podem ocupar uma das três posições:

- 1) ala esquerdo (à esquerda da quadra).
- 2) pivô (centro).
- 3) ala direito (à direita da quadra).

Em disputas oficiais podem participar do jogo atletas classificados como B1 (totalmente cego), B2 (com percepção de vultos) ou B3 (que consegue definir imagens). Por isso, dentro de quadra, todos devem usar óculos opacos (vendas) que impeçam totalmente a visão.

3.2.2. Adaptando materiais para a prática

Quadra:

- Durante a experimentação do Goalball na aula, é possível adaptar o tamanho da quadra em função do espaço disponível. Entretanto, por questões de segurança, o comprimento da quadra adaptada não deve ser menor do que 6 metros. Essa medida é importante porque, assim, você evitará o risco da bola atingir com muita força os jogadores da defesa.
- recomenda-se que o piso seja liso para evitar que os alunos se machuquem durante as atividades;
- Todas as linhas da quadra ou do espaço de jogo deverão ser marcadas com uma fita adesiva sobre um barbante, de modo a permitir a orientação tátil dos alunos.
- Na quadra de Goalball as traves são utilizadas como referencia de localização.
 Podem ser utilizados quatro cones, um em cada junção entre a linha lateral e a linha do gol;
- Poderá ser amarrado um barbante ou corda paralelo à linha do gol, a fim de simular a parte superior da trave. Essa linha deve estar posicionada à altura do peito dos alunos que irão participar da atividade.



Figura 7 – Marcação da linha tátil para a prática do Goalball.

Fonte: Arquivo do autor.



Figura 8 – Venda.

Fonte: Arquivo do autor.

Bola:

- A bola necessariamente deve produzir algum som ao rolar. Uma possibilidade para isso é utilizar uma bola de Basquete dentro de uma sacola plástica. A bola de Basquete possui dimensão próxima à da bola de Goalball. No entanto, na impossibilidade de se utilizá-la, poderá ser substituída por outra bola.
- Para minimizar o quique, recomenda-se esvaziar um pouco a bola.

Vendas:

 Na impossibilidade de utilização de vendas compradas prontas, é possível a utilização de faixas de pano ou TNT preto ou o material que tiver a disposição, desde que impossibilite a passagem de luz.

3.2.3. O processo de intervenção

Ao planejar a prática corporal do *Goalball*, constatamos que o tempo para preparação do espaço de jogo comprometeria muito o tempo da aula. Logo, foi necessário chegar mais cedo ao campus e preparar a quadra, além de demarcar as áreas de jogo, esticando o barbante sobre as linhas da quadra de vôlei e cobrindo-as com a fita adesiva, formando um alto relevo, para orientação tátil dos alunos no espaço. Ainda no planejamento, notamos que seria necessário vendar os olhos dos alunos com um material que fosse mais funcional e confortável. Para isso, planejamos um momento específico dedicado à feitura das vendas ainda no planejamento. Preparamos ao todo 20 vendas e para evitar que o aluno enxergasse, os tecidos foram cortados em faixas de 70 centímetros de comprimento e 20 de largura, dando 3 dobras de 5 centímetros na largura, de forma a torná-la mais espessa.

Uma vez que a quadra organizada estava organizada e os materiais prontos, e dado o horário regular da aula, reunimos os alunos no centro do espaço e, uma vez que nenhum aluno havia praticado o *Goalball* antes, foi necessária uma explicação prévia mais detalhada antes da prática. No momento inicial, buscamos apresentar a quadra aos alunos, além das regras do *Goalball* oficial Paralímpico, com 3 jogadores de cada lado. De início, já com os alunos sentados em círculo, apresentei a eles os equipamentos que seriam utilizados jogo. Foi possível perceber uma grande preocupação por parte dos alunos em conhecer os materiais, como as vendas, a bola oficial com guizo, joelheiras e cotoveleiras. Novamente, foi possível notar o quanto o novo gera uma curiosidade inicial, quando, juntamente com a nova proposta de conteúdo, o que torna

vivência mais significativa para eles. Os alunos, então, experimentaram tocar na bola e comentar, principalmente a respeito da bola (sobre o peso, o som que ela provoca etc.). Foi importante deixar que todos os alunos tocassem e percebessem uma bola totalmente diferente das que já tinham tido contato até então.

Após a explicação do jogo, houve certo tumulto por parte dos alunos devido à intenção de serem vendados logo e, consequentemente, serem os primeiros a jogar. O entusiasmo dos alunos era surpreendente e nos motivava bastante para aplicação da prática, que transcorreu sem maiores problemas ou empecilhos. Ao final da aula, em um momento de reflexão sobre a atividade proposta, questionamos os alunos sobre o que eles achavam que poderia ser melhor (ou que havia atrapalhado) para um melhor desenvolvimento do jogo. Inicialmente, comentaram do barulho gerado pelos outros alunos durante o jogo. De fato, o barulho foi um fator que atrapalhou o desenrolar do jogo, visto que dificultava a percepção do som produzido pela bola com guizo quando lançada em direção ao gol, atrapalhando o tempo de reação dos envolvidos na prática.



Figura 9 – Alunos vivenciando o Goalball.

Fonte: Arquivo do autor.

É relevante dizer que a orientação a respeito da importância do silêncio dos colegas durante para realização do jogo foi passada ainda no começo da aula como sendo uma parte importante sobre o jogo de *Goalball* e, como os próprios alunos apontaram, tal parte não havia sido respeitada pelos colegas nessa primeira aula. Porém, adiantamos aqui que, após a vivência e a reflexão crítica a respeito da vivência, já na aula seguinte a resposta atitudinal por parte dos alunos foi outra, como veremos na sequência.

A aula subsequente teve como finalidade a vivência da modalidade *Goalball* a partir das suas regras e do uso dos equipamentos formais do jogo. Após uma explicação prévia, foi informado que os alunos que iniciariam o jogo na aula seriam aquelas que não tiveram a oportunidade de jogar na aula anterior.

No decorrer do jogo, os alunos que não estavam jogando inteiravam a torcida por um dos dois times envolvidos. Combinamos antes do jogo que o barulho só poderia acontecer no momento do gol, o que foi prontamente acatado por todos. Pela necessidade do silêncio, os alunos que não estavam praticando acabavam por prestar muita atenção nas jogadas e ficavam ansiosos pela ocorrência dos gols na partida.

Foi interessante notar que, diferente do jogo formal, no qual os jogadores permanecem em pé para só no momento da defesa deitar no chão, no jogo proporcionado pelos alunos, todos permaneciam o tempo todo sentados. Cabe dizer que isso não foi uma imposição, mas algo proposto por eles mesmos, provavelmente em virtude da facilidade de deitarem partindo da posição sentada. Além disso, reitero que alguns alunos que não estavam jogando ajudavam a recolocar a bola nas mãos dos colegas envolvidos no jogo. Assim, diferente da aula anterior, a qual foi atrapalhada pelo barulho, com essa nova organização pude inferir que a aula obteve êxito e que a atividade despertou o interesse e participação de todos os alunos.

3.2.4. Sugestão de atividades

Prática 1 - Tema: Conhecendo e explorando a quadra de Goalball

Roda de conversa antes:

• Estimular os alunos a imaginar como é a realização de atividades cotidianas sem o sentido da visão.

Atividade proposta - confie na(o) amiga(o)

Objetivo: explorar pelo espaço da aula vendado.

O que precisa: Vendas.

Organização:

- Formar duplas de alunos. Um aluno deve ficar sem venda (será o guia) e outro vendado.
- Aluno "guia" percorre com o companheiro da dupla, todo o espaço da aula de forma aleatória.
- Os alunos devem ser estimulados a confiar no colega que o está guindo;
- Depois de transcorrido o tempo determinado pelo professor para a atividade, faz-se o rodízio de posições, de forma que todos os alunos vivenciem as duas experiências.

Atividade proposta - Tateando o Goalball

Objetivo: Conhecer o esporte Goalball.

O que precisa:

- laminas de isopor,
- sucata,
- cola,
- tesoura,
- barbante,
- fita adesiva larga e
- vendas

Organização:

- Dividir a turma em grupos;
- Solicitar que confeccionem uma maquete da quadra do esporte.
- os alunos deverão vendar os olhos;
- Pedir que os alunos explorarem a maquete utilizando somente o tato.

Atividade proposta - caminhos da quadra

Objetivo: conhecer as dimensões e marcações da quadra de Goalball.

O que precisa: vendas.

Organização:

- Os alunos devem retirar os calçados;
- A turma deverá ser dividida em duplas, um aluno sem venda (guia) e outro com venda.
- Ao comando do professor os alunos, em duplas, entrarão na quadra e com seus pés irão sentir as linhas da quadra;
- Quando o aluno vendado sentir uma linha com os pés, o guia informará

imediatamente (com o auxílio do professor, se não souber) de qual linha se trata e a sua função no jogo.

- o início será pela linha do gol, progredindo até o outro lado da quadra, passando pelas linhas de posicionamento, linhas de três e seis metros, linhas laterais e linha do meio da quadra;
- Depois de transcorrido o tempo determinado pelo professor para a atividade, faz-se o rodízio de posições, de forma que todos os alunos vivenciem as duas experiências.

Atividade proposta - correndo no escuro

Objetivo: fazer com que os alunos desloquem-se vendados, sendo guiados somente por alguns sons emitidos.

O que precisa: vendas.

Organização:

- os alunos ficarão em um lado da quadra, sobre a linha do gol, e de frente para o professor, que estará na outra extremidade da quadra. Não pode haver obstáculos entre o professor e os alunos;
- cada aluno será chamado individualmente pelo professor e, vendado, terá
 que se locomover o mais rápido possível na direção do professor, tendo
 como referência somente os sons emitidos por ele;
- os demais alunos permanecem em silencio;
- ao chegar, o aluno tira a venda e acompanha a progressão dos outros alunos.

Roda de conversa depois:

• Estimule os alunos a falar da experiência de passar algum tempo sem o sentido da visão e quais foram as suas percepções.

Prática 2 - Tema: Conhecendo o jogo de Goalball

Roda de conversa antes:

• Conversar com os alunos sobre a dinâmica do jogo de Goalball.

Atividade proposta - atacar sem esquecer a defesa

Objetivo: arremessar e defender no mesmo lance.

O que precisa: bola de Goalball ou adaptada.

Organização:

três alunos em cada equipe, nas posições determinadas na quadra de Goal-

ball, dois alas e um pivô.

- aluno da equipe "A", vendado, irá arremessar a bola na direção que preferir, e depois voltar para a posição de origem.
- O aluno da equipe "B" que defender, terá que arremessar na direção da equipe "A" e voltar à sua posição de origem para defender.
- O professor irá dizer em que direção à bola foi.
- No decorrer da atividade o professor pode passar a determinar a direção em que a bola deve ir. Exemplo: durante três minutos só podem ser arremessadas bolas em diagonal. Nos três minutos subsequentes só podem ser feitos arremessos na paralela.

Atividade proposta - defender jogando

Objetivo: defender e passar a bola para que outro aluno arremesse.

O que precisa:

- bola de Goalball ou adaptada;
- vendas.

Organização:

- divida a turma em duas equipes com três alunos cada, em posição de expectativa para a defesa (os alunos estarão vendados).
- Os demais alunos da turma, ficam divididos em igual número para cada um dos lados da quadra, ficarão dispostos atrás dos alunos de cada uma das equipes, sem vendas e encostados na trave ou na corda que servirá como referência da trave;
- Os alunos sem venda irão arremessar na direção da equipe adversária. Os três que estiverem em posição de defesa tentarão defender o arremesso, passando a bola para o aluno que estiver logo atrás arremessar. Os seis alunos defensores, três em cada equipe, só têm a função de defender e passar a bola aos demais alunos que estarão apenas arremessando.
- Depois de transcorrido o tempo determinado pelo professor para a atividade, faz-se o rodízio de posições, de forma que todos os ataquem e defendam.

Atividade proposta - aprender jogando

Objetivo: inserir o jogo na aula.

O que precisa:

- bola de Goalball ou adaptada;
- vendas.

Organização:

- dividir os alunos em equipes de três componentes.
- Somente duas equipes jogarão em cada uma das partidas.
- cada equipe ocupa um lado da quadra na posição de expectativa para a defesa;
- os alunos que estiverem jogando deverão estar vendados;
- O professor determinará qual equipe iniciará o jogo.
- Durante o jogo o professor comentará arremessos e defesas. É importante o silêncio absoluto para que os jogadores que estejam em quadra ouçam o som da bola.
- Transcorrido o tempo determinado pelo professor para a atividade, faz-se o rodízio das equipes, de forma que todos os alunos vivenciem o jogo.

Atividade proposta - Experimentando o Goalball

Objetivo: Vivenciar o Goalball

O que precisa:

- Quadra de voleibol de 18m x 9m, marcada com fita adesiva tendo um barbante por baixo;
- bolas de basquetebol envoltas em sacolas de supermercado,
- cones grandes para sinalização da baliza de 9m de largura
- vendas

Organização:

- Formar duas equipes inicialmente com seis alunos cada, todos vendados.
- esticar um barbante na linha de ataque da quadra de voleibol a uma altura de 50 cm do chão.
- a princípio os alunos tentam marcar um gol na equipe adversária arremessando com a bola com as duas mãos. A bola passa por baixo do barbante.
- na sequência devem tentar o arremesso com apenas uma mão. Cada aluno deve realizar somente um arremesso.
- na rodada seguinte, retirar o barbante e deixar o arremesso livre, porém com a bola rasteira. A quantidade de jogadores pode variar até chegar ao número regulamentar de três por equipe.

Roda de conversa depois:

• Estimule os alunos a comentar as principais dificuldades encontradas para a realização da atividade.

3.3. A vivência do jogo de bocha

3.3.1. Conhecendo a modalidade

Há registros da adaptação do jogo de Bocha para pessoas com deficiência a partir da década de 1970. No entanto, nos Jogos Paralímpicos sua introdução acontece somente em 1984, em Nova York. No Brasil, apesar de já ser praticada desde a década de 70, a modalidade só ganhou notoriedade a partir de 1995, após dois atletas de atletismo nos Jogos Pan-americanos de Mar Del Plata aceitaram participar, ainda que de forma improvisada, de uma competição de Bocha e se tornarem campeões em duas categorias (MELLO; WINCLER, 2012)

O jogo de bocha paralímpica tem como característica o fato de que seus praticantes, dentre todas as modalidades, sejam aqueles com os maiores níveis de maior limitação motora. Nesse sentido, nota-se que a maioria dos jogadores possui paralisia cerebral, com comprometimentos mais severos de mobilidade ou deficiências comparáveis à tetraplegia.

No que diz respeito ao jogo em si, a finalidade é lançar bolas coloridas o mais perto possível de uma bola branca chamada de *Jack* (conhecida no Brasil como *bolim*). É permitido o uso das mãos, dos pés ou de instrumentos de auxílio para atletas com grande comprometimento nos membros superiores e inferiores. Há três maneiras de se praticar o esporte: individual, duplas ou equipes.

É uma modalidade esportiva que não requer um grande domínio das habilidades motoras ou conhecimento de grandes normas para ser praticado, sendo diferente, por exemplo, do vôlei sentado, para o qual os fundamentos básicos são um requisito importante para que o jogo aconteça. No caso do bocha, apenas é necessário saber direcionar a bola que está sendo lançada (azul ou vermelha) de encontro à bola branca.

Antes de começar a partida, o árbitro tira na moeda (cara ou coroa) o direito de escolher se quer competir com as bolas de couro vermelhas ou azuis. O lado que escolhe as vermelhas inicia a disputa, jogando primeiro o jack uma bola vermelha. Depois, é a vez de a bola azul entrar em ação. A partir de então, os adversários se revezam a cada lance para ver quem consegue posicionar as bolas o mais perto possível do jack. As partidas ocorrem em quadras cobertas, planas e com demarcações no piso. A área do jogo mede 6 m de largura por 12,5 m de comprimento. Para ganhar um ponto, o atleta tem de jogar a bola o

mais próximo do jack. Caso este mesmo jogador tenha colocado outras esferas mais próximas do alvo, cada uma delas também vale um ponto. Se duas bolas de cores diferentes ficam à mesma distância da esfera branca, os dois lados recebem um ponto. Vence quem acumula a maior pontuação. (MELLO; WINCLER, 2012. pg. 85)

No que diz respeito ao ambiente do esporte, a quadra oficial de bocha paralímpica possui 6 metros de largura e 12,5 metros de comprimento. Os jogadores posicionam-se nos boxes demarcados em uma das extremidades da quadra. Cada box mede 1 metro de largura e 2,5 metros de comprimento. As bolas devem ser lançadas, tanto a branca quanto as azuis e vermelhas, para além da marcação em V, que corresponde a uma distância de 3 metros nas extremidades e de 1,5 metros ao centro.

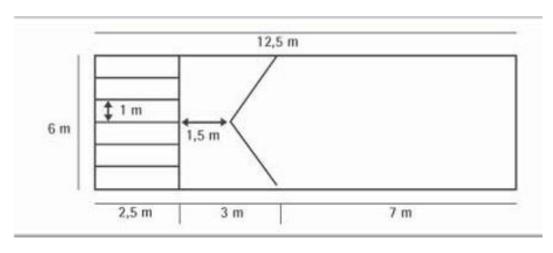


Figura 10 – Quadra de bocha paralímpica.

Fonte: Wikipédia (2021).

3.3.2. Adaptando materiais para a prática

- A quadra de bocha pode ser marcada com fita adesiva branca em qualquer espaço que apresente o piso liso sem deformações, como o pátio e a quadra poliesportiva.
- As bolas podem ser confeccionadas a partir de materiais como bexigas e alpiste. Para isso, pegue seis bexigas azuis, seis bexigas vermelhas e duas brancas e

as encha com o alpiste. Em seguida, coloque esta bolinha dentro de outra bexiga para melhorar a qualidade e evitar que o material estrague rapidamente. Outra opção é envolver as bolas de bexiga com tecido das respectivas cores.

- As cadeiras de sala de aula podem se tornar cadeiras de jogo. Caso tenha cadeiras de rodas, use-as também. Além disso, os alunos podem jogar sentados no chão.
- Caso haja alunos que necessitem de calhas, ou até mesmo para experiência desta categoria (BC3), utilize canos de PVC. Este material possui um preço acessível e foi ele quem originou as calhas modernas de hoje.
- Para as ponteiras utilize canetas e/ou varetas encapadas com fita adesiva, e até mesmo anexe aos bonés para que os alunos experimentem diferentes vivências.
- Para confeccionar material de arbitragem, como a raquete, pegue papelão e desenhe o formato de uma raquete de tênis de mesa, cole em um dos lados da raquete uma cartolina vermelha e do outro lado uma azul. Também pode ser usada a própria raquete de tênis de mesa. A trena de métrica pode ser improvisada com a régua escolar ou fita métrica, caso não se tenha a trena. Já o compasso pode ser utilizado um de sala de aula para verificar distâncias mais curtas quando necessário. Outra opção é medir com as palmas das mãos as distâncias entre as bolas.
- Para marcar o tempo de jogo e tempos extras, podem ser utilizados dois relógios de pulso com cronômetro ou dois cronômetros, assim será possível cronometrar as parciais, podendo pausá-los no momento em que a bola para de se movimentar ou sai de quadra. Pode-se também utilizar um relógio qualquer para marcar o tempo total do jogo.

3.3.3. O processo de intervenção

Na aula inicial, objetivo foi apresentar e vivenciar a modalidade de bocha paralímpica com os alunos. Ressaltamos que, apesar de termos realizado o jogo de bocha com o material oficial que conseguimos junto ao Ifes, é possível realizá-la com materiais alternativos.

Iniciamos a aula questionando aos alunos a respeito do conhecimento deles a respeito do jogo de bocha paralímpica. Nesse momento, apenas dois alunos conhecer a modalidade bocha e relataram ser um jogo com bolas que se parecia com o boliche. O questionamento inicial promoveu uma maior curiosidade deles para com o tema e, a partir daí, começamos a explicar como era o jogo e suas principais regras.

No que diz respeito às regras do jogo, foi apresentado aos alunos que a bocha poder ser jogada individualmente ou por equipe, com dois ou três jogadores. Feito isso, direcionamos os alunos para a vivência do jogo, orientando que jogariam em duas equipes de seis jogadores, visto que só tínhamos número de bolas suficientes para este arranjo numérico. Desse modo, ainda que nos afastássemos da regra convencional, possibilitaríamos que um maior número de alunos pudesse jogar ao mesmo tempo. A cada término de partida, as equipes que estavam de fora substituíam as equipes que haviam acabado de jogar.

Para começar o jogo, cada membro de uma equipe lançaria uma bola com a intenção de deixá-la o mais próximo possível da bola branca (bolim ou jack) e, assim, marcar pontos para sua equipe. Ao final de cada partida, são contadas as bolas da mesma cor que estiveram mais próximas da bola-alvo. Exemplificando: se duas bolas azuis estiverem mais próximas da bola-alvo em relação às bolas de cor vermelha, a equipe azul marca 2 pontos, 1 ponto para cada bola mais próxima. Assim sendo, a cada partida as equipes somavam os pontos marcados e, ao final, a equipe com mais ponto continuava para as outras rodadas.



Figura 11 – Quadra de bocha paralímpica.

Fonte: Wikipédia (2021).

Para realizar o jogo, decidimos usar a marcação da quadra de vôlei para determinar a área. Os alunos foram posicionados atrás da linha de fundo, alocados em cadeiras que antes estavam nas salas de aula, de modo que se colocassem em condição semelhante àquela dos atletas dessa modalidade. A área de jogo, dessa forma, era a meia quadra de vôlei.

No planejamento didático dessa modalidade, acreditávamos que o jogo de bocha seria o melhor exemplo de esporte adaptado para os alunos, sobretudo por ser um esporte pensado justamente para pessoas com deficiências mais severas. Assim como o *Goalball*, que despertou a atenção dos alunos sobre a realidade das pessoas com baixa visão, a bocha paralímpica obteve o mesmo sucesso.

A atividade serviu como um exemplo prático das capacidades possíveis dos alunos com deficiência, principalmente quando eles são alocados em situações mais equitativas de condições com outras pessoas.

Podemos então, sugerir que uma estratégia inicial seria tematizar uma prática que melhor se aplique a turma, ou seja, um esporte adaptado a partir das características da deficiência do aluno que a ela pertence. Por exemplo: se tivéssemos um aluno amputado de membros inferiores, a modalidade mais apropriada seria o vôlei sentado. Caso fosse um aluno cego total, ou com baixa visão, as modalidades mais indicadas seriam o *Goalball* ou o futebol de cinco.

Dessa forma, é possível que os demais alunos percebam a capacidade do colega dentro de uma modalidade pensada para atender suas singularidades. Esse tipo de situação possibilita ao professor contextualizar com os alunos e levá-los a perceber que um colega pode ter, por exemplo, melhor aptidão para o futebol e não para o vôlei e vice-versa. Mesmo assim, todos, sem exceção, podem jogar e se beneficiar com aquela prática corporal.

Na aula seguinte, dividimos a turma em duas grandes equipes, de modo a possibilitar a participação ativa de todos. Contudo, nesse momento um fato interessante aconteceu: uma das meninas sugeriu que fizéssemos um jogo de meninos contra meninas. Para maior interesse da turma, acatamos a ideia. Importante reiterar que o pedido para dividir as equipes entre meninos e meninas veio de uma menina, provavelmente por terem se dado conta de que a bocha é um tipo de jogo no qual a diferença de força não é algo que interfere no seu resultado. Aqui, Kunz (2005) nos auxilia para uma melhor compreensão:

Embora seja um problema cultural muito mais amplo e difícil de ser equacionado, a questão de gênero está bastante presente na Educação Física e interfere na gestão pedagógica do ensino dos esportes na escola, na medida em que opõe os meninos, _mais fortes, mais rápidos, mais habilidosos às meninas, tidas como _mais frágeis e dóceis, mas menos capazes de desenvolverem certas habilidades requeridas para a prática dos esportes. Quando aulas mistas (mas não coeducativas) são exigidas pelos sistemas escolares, umas das soluções mais usuais são tentativas de escamotear essas diferenças, através de estratégias que recomponham, ainda que falsamente, o equilíbrio de ações (KUNZ, 2005, p. 90).

As situações de aulas compensatórias visando ao equilíbrio das ações motoras entre meninos e meninas, duramente criticada por Kunz (2005), não se revela presente na prática de bocha adaptada. Afinal, a modalidade se revela como sendo uma das poucas práticas esportivas na qual tal equilíbrio não é fundamental, sendo possível criar o mesmo nível de desafio e de competitividade para ambos os sexos, sem que haja necessidade de algum tipo de compensação.

Reitera-se que, durante a realização da atividade, ambas as equipes se alternavam nas vitórias, o que evidencia o caráter pouco diferencial de gênero na prática. Por isso, perguntamos ao final da aula se eles haviam notado algum tipo de vantagem dos meninos em relação às meninas, ao qual todos, de forma unânime, responderam não notar diferença. Logo, a bocha paralímpica se revelou como uma prática muito interessante para problematizar, junto aos alunos, tanto as questões relacionadas à inclusão de pessoas com deficiência quanto às relacionadas a gênero, seja no esporte, seja na sociedade, indo além das expectativas inicialmente pensadas.

3.3.4. Sugestão de atividades

Prática 1 - Tema: Conhecendo e explorando a quadra de Bocha

Roda de conversa inicial:

Podem ser feitos os seguintes questionamentos aos alunos:

- Vocês conhecem a quadra de Bocha?
- Já assistiram a uma partida?

Atividade proposta - Vivenciando a Bocha

Objetivo: Conhecer o esporte bocha.

O que precisa:

bolinha de gude;

- giz;
- bolas de meia ou bolas de tênis.

Organização:

- Propor aos alunos o jogo de bolinhas de gude suas regras, variações e sua experimentação;
- A medida que a atividade for se desenvolvendo, sugerir alterações no jogo, aproximando-o de tal modo de bocha que, ao final, a única diferença sejam as características da bola;
- Em um segundo momento aplicar o jogo de bocha em dimensões reais, demarcando o campo com giz e utilizando bolas de meia ou de tênis;
- Podem ser desenvolvidas atividades intermediárias, como jogos de precisão com círculos desenhados no chão, os quais devem ter tamanhos variados e estar a distâncias distintas da posição de lançamento, recebendo pontuações específicas em função destas características;
- Identificada por uma cor de bola, cada equipe deve, num tempo pré-determinado, fazer a maior pontuação possível;
- As equipes podem lançar simultaneamente ou não.

Atividade proposta - construindo a quadra

Objetivo: iniciar a familiarização com a quadra.

O que precisa:

- fita adesiva branca larga e fina,
- trena,
- pincel marcador,
- tesoura.

Organização:

- Divida a turma em quatro grupos, que serão responsáveis por:
 - G1) fazer a confecção da quadra: grupo 1 ficará com a planta da quadra e falará as medidas para o grupo 2;
 - G2) Medir a quadra: grupo 2 utilizará uma trena ou outro instrumento de medida para medir os tamanhos das linhas da quadra;
 - G3) Marcar a quadra: grupo 3 ficará com o pincel marcador para fazer as marcas nas linhas medidas pelo grupo 2;
 - G4) Colar a fita adesiva nas devidas medidas: grupo 4 ficará responsável por colar as linhas da quadra com a fita adesiva. Nesta última etapa, todos os grupos podem participar, pois são muitas as linhas.

Atividade proposta - pegando na linha

Objetivo: visualizar as linhas da quadra.

O que precisa: colete e/ ou bola.

Organização:

- Selecione um aluno para ser o pegador. Este aluno estará com um colete ou bola para ser identificado. O pegador deve correr atrás das demais crianças e pegá-la, ou seja, tocar o fugitivo; q
- Quem for pego assume o posto de pegador e coloca o colete para identificação;
- Todos os envolvidos na brincadeira só podem correr sobre as linhas da quadra de Bocha;
- Caso haja aluno cego no grupo, ele poderá ser auxiliado por um colega que
 correrá junto, fugindo de quem for o pegador. Se houver algum aluno cadeirante ou com dificuldade de locomoção, solicitar o auxílio de um colega para os deslocamentos, podendo haver a inserção de regras adicionais
 estabelecidas pela turma com auxílio do professor, como, por exemplo, os
 alunos que apresentarem dificuldade no desenvolvimento da atividade só
 poderão ser pegos quando estiverem nas linhas horizontais ou se estiverem
 nas linhas dos boxes.

Atividade proposta - O chão é lava

Objetivo: identificar as partes da quadra.

Organização:

- Os alunos devem se deslocar pelo espaço da aula;
- Ao comando do professor "O chão é lava!" Todos os alunos devem ficar sobre alguma linha da quadra de Bocha.
- Ao comendo do professor: O chão é gelo! Todos voltam a se deslocar.
- O professor deverá ir aumentando as partes da quadra que são lava, assim os alunos não poderão ficar sobre ela. Por exemplo: O chão e a linha do "x" são lava! O chão, a linha do x e o boxes 1 e 2 são lava. Assim sucessivamente.

Roda de conversa final:

• Estimule os alunos a falar sobre o seu aprendizado a partir das atividades. Peça que escrevam sobre a experiência.

Prática 2 - Tema: a experiência de lançar

Roda de conversa inicial:

Podem ser feitos os seguintes questionamentos aos alunos:

- O que é o lançamento no jogo de Bocha?
- Para onde se devem lançar as bolas?
- Qual o objetivo?
- Quais as dificuldades de lançar?
- Quais são as diversas possibilidades de lançar?

Atividade proposta - lançando e explorando as bolas

Objetivo: contato inicial com as bolas.

O que precisa: bolas de Bocha.

Organização:

 Os alunos devem ser direcionados para a quadra ou o pátio. Nesse espaço, oriente os alunos para que joguem livremente as bolas de Bocha pelo ambiente, de diferentes formas e em diferentes intensidades: forte, fraco, alta, rasteira, com a mão direita, com a mão esquerda, com os pés etc.

Atividade proposta - lançamento a meta

Objetivo: trabalhar o lançamento a uma meta.

O que precisa:

- arcos;
- cadeiras;
- bolas de bocha (ou adaptadas).
 Organização:
- Desenhe círculos no chão com giz de cera ou giz de sala de aula.
- Divida os alunos em duplas: um deles terá a função de recolher as bolas e o outro de lançar as bolas (o aluno lançador estará sentado em uma cadeira seja ela de rodas ou de sala de aula).
- Os alunos devem lançar as bolas nos círculos;
- Após o lançamento das sete bolas (seis vermelhas ou azuis e uma branca), troque as funções das duplas;
- É possível recorrer ao artifício de lançamento como um cano de PVC, com o objetivo de auxiliar na mira e no arremesso das bolas.

Atividade proposta - bolas ao arco

Objetivo: iniciar o jogo de Bocha a partir de mini-jogo.

O que precisa:

- arcos;
- bolas de bocha;
- cadeiras.

Organização: na mesma logística da atividade 2, os alunos agora devem jogar um contra o outro. Para isso, forme trios, dois alunos jogadores e um árbitro. Os alunos jogadores devem lançar as bolas o mais próximo possível dos arcos e até mesmo dentro dele e o professor deverá ver de quem é a vez de jogar, ou seja, deve identificar qual bola estará mais distante do arco. Bolas dentro do arco valem um ponto. Se dois jogadores estiverem com as bolas dentro do arco, o professor deve revezar a vez de jogar até que uma bola fique mais longe. As bolas fora do arco irão pontuar apenas a mais próxima ao arco. Em seguida, deve se realizar o rodízio entre as funções.

Roda de conversa final:

Estimule os alunos a falar sobre a sua vivência a partir dos questionamentos:

- O que foi aprendido na aula?
- Pedir que expliquem a dinâmica do jogo de Bocha a partir vivências feitas na aula.

3.4. A vivência do futebol de 5

3.4.1. Conhecendo a modalidade

Existem relatos da prática de Futebol adaptado para pessoas com deficiência, em escolas ou instituições especializadas, desde meados da década de 1920. No Brasil encontram-se informações de sua prática a partir da década de 1950 (MELLO; WINCKLER, 2012).

O Futebol de 5 é uma adaptação do futsal e uma das modalidades paralímpicas mais recentes (primeira participação em Atenas, 2004). É praticado por pessoas cegas ou deficientes visuais que se orientam na quadra de jogo por meio do som emitido por guizos alocados dentro de uma bola de futsal. Por isso, o público deve permanecer em silêncio durante partida, só podendo comemorar na hora do gol, quando a bola

não está em jogo; Mesmo não possuindo visão, os atletas precisam jogar usando uma venda nos olhos, pois algumas pessoas possuem percepção de luminosidade, o que, nesse caso, poderia trazer algum benefício para o atleta e para a equipe (COMITE PARALÍMPICO BRASILEIRO, 20--a).

O goleiro tem visão total, porém sua área de atuação é reduzida a 5 metros de largura por 2 de comprimento. Caso ele toque na bola fora desta área, é marcado pênalti a favor da equipe adversária.

Na quadra a banda lateral é a principal adaptação do Futebol de 5 e constitui uma estrutura que mede entre 1 m - 1,20 m e percorre toda a linha lateral da quadra. A banda lateral impede que a bola saia pela lateral, dando mais dinâmica ao jogo. Só é marcada a lateral se a bola passar por cima desta estrutura.

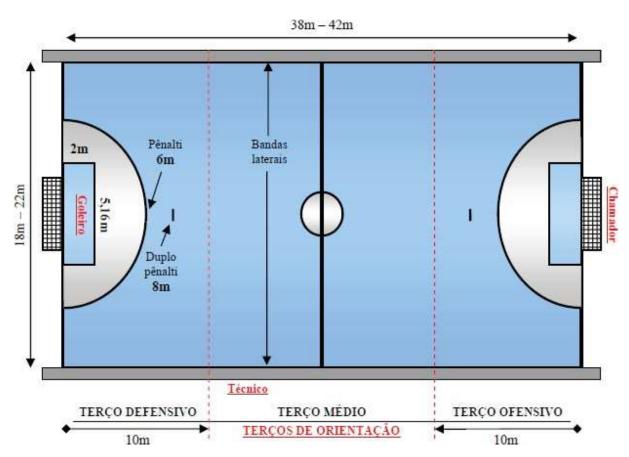


Figura 12 – Quadra do futebol de 5.

Fonte: Morato (2007).

Além do guizo na bola para facilitar a locomoção, a quadra do Futebol de 5 é dividida em 3 partes: defesa, centro e ataque. Em cada parte, uma pessoa é responsável por dar comandos e informações para que a equipe se movimente. bola + defesa: fala do goleiro; bola + centro: a palavra é do técnico; bola + ataque: a voz é do "chamador". O chamador é um membro da equipe que fica fora de campo, atrás do gol adversário, coordenando o ataque e batendo na trave com uma haste de metal, quando for cobrado um pênalti, uma falta ou um tiro livre.

Figura 13 – Área de comando.

Comando do Goleiro	Comando do técnico	Comando do chamador
(área de 10 metros)	(área de 20 metros)	(área de 10 metros)

Fonte: Elaborado pelo autor.

3.4.2. Adaptando materiais para a prática

Ouadra:

- A quadra tem as mesmas dimensões de uma quadra de Futsal. Em algumas quadras existem grades, que podem substituir as bandas laterais;
- Para maior segurança é importante que não existam degraus antes das grades e que a linha de fundo tenha, pelo menos, 2 metros de escape, ou seja, que não exista nenhum tipo de obstáculo a 2 metros de distância;
- A quadra pode ser marcadas com giz ou fita adesiva, assim como as áreas demarcatórias dos orientadores (chamadores, técnicos e goleiros).
- Mesmo assim, o professor sempre deve orientar os alunos sobre a distância existente;
- Para maior segurança, o professor pode esticar uma corda elástica nas linhas de fundo, orientando os alunos que o toque na corda elástica significa que ele chegou ao limite da quadra. Além de ser elástica, a corda deverá estar suspensa na linha de cintura.
- Sobre esse aspecto, uma prática que adotamos em nossas aulas foi orientar

que os alunos que não estejam jogando a ajudar na orientação lateral, formando uma espécie de "barreira humana".

Bola:

 A exemplo do Goalball, para a adaptação da bola sonora podemos utilizar uma bola envolta em sacos plásticos. Para produzir mais som, uma sugestão é colocar papel celofane entre o saco de plástico e a bola. Neste caso a bola a ser utilizada será a de futsal;

Figura 14 – Adaptando a bola de futebol de 5.

Figura 15 – Adaptando a bola de futebol de 5.





Fonte: Arquivo do autor.

Fonte: Arquivo do autor.

Vendas:

 Na impossibilidade de utilização de vendas compradas prontas, é possível a utilização de faixas de pano ou TNT preto ou o material que tiver a disposição, desde que impossibilite a passagem de luz.

3.4.3. O processo de intervenção

Na aula inicial, propomos a apresentação da prática do futebol de 5 como modalidade adaptada. Ao apresentar o tema como conteúdo de ensino, percebemos, de um lado, o interesse visível dos meninos e, do outro, o distanciamento e desinteresse manifestado por parte das meninas. Notamos que esta percepção é reforçada por um dos estigmas que mais presentes nas aulas de futebol nas escolas, a saber, "futebol é coisa de menino".

Durante as primeiras atividades, ainda na apresentação teórica sobre os esportes adaptados, notamos que a modalidade de futebol de cinco foi a que mais atraiu o interesse naquele momento, que buscavam tirar dúvidas a respeito de como pessoas cegas conseguiam jogar futebol. Tal fato fez com que os alunos já soubessem basicamente as regras iniciais antes mesmo que o jogo acontecesse na prática.

Ao longo da atividade, orientamos para que fossem criadas algumas regras para que o jogo pudesse acontecer de forma mais leve, fazendo com que a condição de não



Figura 16 – Alunas vivenciando o futebol de 5.

Fonte: Arquivo do autor.

enxergar não fosse a regra principal. Assim sendo, propus que seriam quatro jogadores em cada time e que um colega estaria de mãos dadas, formando uma dupla, ainda que apenas os alunos vendados pudessem chutar a bola. Ao longo da prática as regras poderiam ser mudadas para facilitar ainda mais o jogo e dar mais dinamismo.

É relevante perceber como a prática corporal, por mais insignificante que possa parecer para a maioria das pessoas, é capaz de proporcionar a possibilidade de vivenciar sensações e descobertas que geram, por conseguinte, novos aprendizados. Tais aprendizados são conquistados com e pelo corpo, como indica Daólio (1995) em sua reflexão:

O homem, por meio de seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação. Diz-se correntemente que um indivíduo incorpora algum novo comportamento ao conjunto de seus atos, ou uma nova palavra ao seu vocabulário ou, ainda, um novo conhecimento ao seu repertório cognitivo. Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. Em outros termos, o homem aprende a cultura por meio do seu corpo (DAÓLIO, 1995, p. 39-40).

Ainda no dia da prática, um dos alunos me questionou a respeito da possibilidade de bater pênalti vendado. Apesar de não fazer parte do planejamento, decidimos aceitar a sugestão como sendo uma tarefa seguinte. Assim sendo, nos dez minutos finais da aula, realizamos a atividade dos pênaltis. Com os alunos vendados, exceto o goleiro, fizemos uma fila indiana atrás da marca de cobrança do pênalti. Um dos alunos foi posicionado atrás do gol e, com uma moeda, batia nas laterais da trave, de modo que orientasse o colega para onde deveria chutar a bola. É importante dizer que toda essa organização foi proposta e realizada pelos próprios alunos.

Podemos afirmar categoricamente que essa foi a atividade em que os alunos mais participaram em todos os sentidos, visto que propuseram, estabeleceram as regras e é importante criarmos mecanismos que incentivem nos alunos a uma participação mais efetiva no planejamento das aulas, obviamente pautados nos princípios da ludicidade, da dialogicidade e da cooperação, de forma que a aula não seja uma reprodução e execução dos conteúdos impostos pelo professor. Desse modo, a cada momento a construção coletiva e as ações são ressignificadas.

3.4.4. Sugestões de atividades

Prática 1 - Tema: Conhecer a quadra

Roda de conversa antes:

• Explicar para os alunos quem são os atletas praticantes do Futebol de 5, qual a deficiência deles, as características do jogo e as possíveis dificuldades encontradas pelos atletas durante as partidas.

Atividade proposta - Futebol inclusivo

Objetivo: Ganho de conhecimento sobre a prática de educação física inclusiva. Apresentar o futebol de 5

O que precisa:

- Bolas de diversos tamanhos, pesos e materiais;
- cones ou qualquer outro material que possa demarcar áreas de gol;
- papel;
- lápis.

Organização:

• Iniciar a atividade discutindo as várias maneiras de se jogar futebol. Perguntar se alguém tem conhecimento de futebol praticado por pessoas com deficiência. Discutir o futebol de cegos perguntando que tipo de adaptações os alunos creem ser necessárias. Apresentar o futebol de 5. Dividir os alunos em grupos de 6 integrantes. Cada grupo deve propor uma maneira de se jogar futebol em diferentes contextos – por exemplo, futebol sobre skate, futebol sentado, futebol do qual participam, com a mesma intensidade, pessoas que se movimentam e outras que devem permanecer estáticas, entre outras situações que podem ser criadas pelo professor. Cada grupo deve anotar as regras e adaptações de seu futebol e, se possível, todos os alunos devem experimentar os diferentes "futebóis".

Outras possibilidades: Discutir a questão da inclusão a partir da atividade desenvolvida e produzir uma crônica sobre o tema.

Atividade proposta - *A movimentação é a chave*

Objetivo: buscar a orientação espacial

O que precisa:

- bola;
- vendas.

Organização:

- Nomeie cada um dos pontos da quadra, em relação ao gol: defesa direita (DD), defesa esquerda (DE), ataque direito (AD) e ataque esquerdo (AE). O ponto de referência sempre será o gol defensivo (figura 2);
- Em seguida, os alunos vendados devem andar por esses espaços da quadra;
- Avise a cada um dos alunos em que parte do campo eles estão e peça para que eles se movimentem em busca do gol;
- Depois de apresentar toda a quadra, ao comando do professor, a turma deverá andar e parar no local indicado, como a defesa direita, por exemplo.
- Ao chegar ao local indicado o aluno deve parar; É importante que o professor indique os alunos que acertaram o local, falando os seus nomes;
- Caso uma parte da turma não encontre o local da quadra indicado, os alunos que conseguiram podem ser orientados pelo professor a emitir um som (bater palmas, por exemplo) para que os demais também cheguem ao destino.

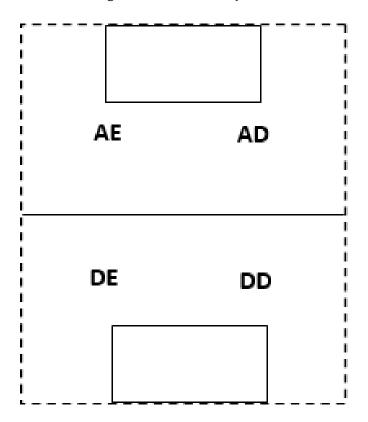


Figura 17 – Atividade de quadra.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Atividade proposta - atravessando a quadra

Objetivo: vivenciar o deslocamento na quadra de Futebol de 5 sem a utilização da visão.

O que precisa: vendas

Organização:

- Os alunos estarão vendados e dispostos lado a lado em uma das laterais da quadra;
- Eles deverão andar até a outra lateral da quadra a partir do comando do professor, que orientará a chegada deles;
- É importante que o professor dê o comando com clareza e oriente os alunos quanto à chegada;
- Como desdobramento da atividade, o professor pode solicitar que o deslocamento para a outra lateral da quadra em diferentes posições: de costas; de lado; saltando; com um dos pés; entre outras.
- Como medida de segurança, é aconselhável pedir que os alunos estendam os braços à frente do corpo, tocando antecipadamente a mão antes de bater o rosto ou outra parte do corpo em uma parede, em um amigo ou em algum outro obstáculo;

Roda de conversa depois:

• Estimule os alunos a comentar suas sensações durante e depois da participação nas atividades. Podem ser exploradas também quais as diferenças percebidas ao jogar Futsal e Futebol de 5.

Prática 2 - Tema: Percepção auditiva

Roda de conversa antes:

 Explicar aos alunos a importância do sentido da audição para os praticantes do Futebol de 5 e a necessidade do silêncio para a disputa das partidas. Falar dos estímulos de outros sentidos.

Atividade proposta - corrida guiada

Objetivo: desenvolver a sensibilidade tátil e auditiva

O que precisa:

- corda ou barbante;
- vendas.

Organização:

- Estique uma corda ou um barbante ao longo da quadra;
- Posicione o aluno vendado com uma das mãos no fio condutor;
- Explique que deverá correr (devagar) até o final da corda até que ouça o aviso sonoro, quando deverá parar;
- A seguir os alunos podem passar a caminhada pelo espaço da aula o auxílio da corda.

Atividade proposta - não se esqueça de pegar a bola

Objetivo: perceber o som emitido pela bola ao rolar pela quadra.

O que precisa:

- vendas;
- bolas com guizo (ou bolas adaptadas)

Organização:

- Divida a turma em grupos (de acordo com a disponibilidade de bolas);
- Os grupos de alunos deverão formar círculos pela quadra;
- A seguir deverão sentar um ao lado do outro e vendar os olhos;
- Cada grupo recebe uma bola.
- O aluno que pegar a bola deverá rolá-la em qualquer direção dentro do círculo. O aluno que receber a bola deverá devolvê-la da mesma forma.

Atividade proposta - em busca da bola

Objetivo: se orientar por meio do guizo

O que precisa:

- bola;
- vendas.

Organização:

- Jogue a bola a uma distância de 5 a 10 metros e peça que o aluno (que deve estar vendado) vá buscar a bola com as mãos;
- Repita algumas vezes esse exercício e em seguida, peça para que ele busque a bola com os pés.

Atividade proposta - onde será que foi a bola?

Objetivo: perceber a trajetória da bola a partir do som emitido por ela.

O que precisa:

vendas;

• bolas de guizo (ou bolas adaptadas)

Organização:

- o professor deverá dividir a turma em dois grupos, deixando uma bola com cada um dos grupos;
- Todos os alunos estarão vendados e dispostos em colunas. O primeiro de cada coluna deverá jogar a bola para frente com as mãos e encontrá-la, trazendo-a de volta ao seu grupo. É importante que o grupo chame o nome do aluno que jogou a bola para que ele retorne, passando a bola para o próximo do seu grupo. O professor deverá atentar para a direção tomada, pois o aluno poderá chocar- se com o colega da outra coluna ou ainda com o seu próprio grupo. O aluno deverá estender o braço à frente do corpo, como medida de segurança.

Atividade proposta - queimada

Objetivo: aprimorar a percepção auditiva.

O que precisa:

- vendas;
- bolas de guizo (ou bolas adaptadas)

Organização:

- Dividir a turma em dois grupos;
- Um grupo ficará de frente para o outro, a uma distancia de aproximadamente 15 metros;
- Pode-se utilizar uma corda elástica estendida em cada um dos lados da quadra para que os alunos se posicionem lado a lado, guiando-se pela referência da corda.
- A bola deverá ser rolada por um componente do grupo a fim de acertar um aluno do grupo adversário. Caso a bola toque em um componente do grupo adversário, este passará a fazer parte do grupo que rolou a bola. Os alunos poderão pular para que a bola não os toque.
- Para esta atividade é aconselhável deixar dois alunos como auxiliares do professor, ajudando a repor a bola e trocando os auxiliares a cada breve intervalo permitindo que todos participem da atividade.

Roda de conversa depois:

Os seguintes questionamentos podem ser feitos aos alunos:

• Quais as principais dificuldades encontradas no transcorrer da aula?

- Perceberam diferenças na importância dos outros sentidos?
- Conversar sobre a importância da audição e da atenção ao som emitido pela bola durante as partidas do Futebol de 5.



Figura 18 – Encerramento das práticas - roda de conversa/confraternização.

Fonte: Arquivo do autor.



4. Resultados esperados deste produto

Esperamos que este produto educacional possa contribuir para a construção de práticas corporais inclusivas nas aulas de educação física, não tendo de maneira alguma a pretensão de ser adotado como um novo modelo. Na verdade, o que tentamos apresentar aqui foi o caminho que percorremos, com os movimentos de aproximação e sensibilização, o processo de intervenção, as atividades que utilizamos, ou seja: a experiência por meio dos esportes adaptados. Este guia é a nossa história desde a idealização até os momentos posteriores às últimas aulas que tinham os esportes adaptados como tema, podendo e devendo ser ressignificado e recriado de acordo com cada contexto escolar.

Além disso, os esportes adaptados certamente não são a única alternativa para uma prática inclusiva nas aulas de educação física, mas o interesse, esforço e atenção aos temas ligados à uma educação crítico-emancipatória, como a própria ideia de inclusão, são o verdadeiro motor para uma mudança de perspectiva nas práticas corporais, seja dos alunos, seja dos docentes e seja do meu próprio.

4.1. Construindo uma proposta de jogos adaptados para a escola

Uma proposta que planejamos e que não conseguimos sistematizar, foi a realização dos "Jogos Escolares Adaptados". Fizemos toda a construção da proposta, desde a sua idealização até o planejamento da execução. No entanto, em função do início da Pandemia da Covid-19, em 2020, nosso projeto teve que ser adiado.

A proposta era fazer os Jogos interclasse do campus, porém, somente com os esportes adaptados. Elegeríamos algumas modalidades Paralímpicas, adaptaríamos outros esportes já existentes, e principalmente inventaríamos outras de acordo com as possibilidades. A condição seria de que todos os alunos do campus pudessem participar de pelo menos duas modalidades ou jogos, independente das suas limitações e/ou deficiência. A proposta era incluir todo o conjunto de alunos do campus nesta ação por meio de um torneio, campeonato, ou do que quiséssemos chamar. O mais importante é

que fosse garantida a possibilidade de participação de todos. O caráter competitivo não seria o foco das atividades, talvez até se fizesse presente em algumas modalidades, mas o objetivo seria experenciar a prática corporal de forma lúdica e inclusiva. No que se refere à categorização por gênero, a opção imaginada era a formação de equipes mistas.



Figura 19 – Último encontro - planejando os jogos adaptados.

Fonte: Arquivo do autor.

Na fase de elaboração dos jogos, planejamos um levantamento dos alunos com necessidades específicas atendidas pelos Napnes (Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas). Faríamos uma consulta com esses alunos sobre as práticas corporais que mais gostavam, além de sugestões de jogos e atividades. Posteriormente, cada sala escolheria uma modalidade paralímpica, e construiria uma proposta de jogo ou qualquer outra atividade que pudessem participar todos os alunos da escola. A premissa era atender a todos os alunos com necessidades específicas e também os demais alunos.

Percebemos que, quando sensibilizamos os alunos e os conduzimos para uma prática de forma dialógica e comunicativa, a criatividade e a solidariedade aparecem de forma espontânea. Um exemplo foi que numa dessas rodas de conversas que fazíamos, eles sugeriram que os jogos se chamassem Jogos Esportivos Inclusivos, e que contasse também com a participação de professores, servidores, terceirizados e, se possível, pais de alunos. O interessante foi que a partir dessas reflexões surgiram várias possibilidades, como a ideia de que poderíamos levar essa proposta para os Jifes – que são os jogos dos Institutos Federais do Espírito Santo.

Sabemos que o debate da inclusão nas aulas de educação física não se esgota aqui, muito menos a proposta de esportes adaptados como conteúdo a ser tematizado. Esta é mais uma proposta que busca implementar práticas educativas, de diversidade e inclusão escolar nas aulas de educação física, bem como desenvolver pesquisas oriundas desta ação pedagógica.





Referências

ADAPTAÇÃO. *In*: **DICIO**, Dicionário Caldas Aulete, 2021. Disponível em: https://www.aulete.com.br/adaptação/ Acesso em: 1 de ago. de 2021.

BRACHT, V. **Educação Física & Ciência:** Cenas de um casamento (in) feliz. 4ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

CARMO, Apolônio Abadio do. **Inclusão escolar e a educação física: que movimentos são estes?** In: Revista Integração, Brasília, ano 14, p. 6-13, mar. 2002. Edição especial: Educação Física Adaptada.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Modalidades**. Brasília: CPB, [20--a]. Disponível em: http://www.cpb.org.br/modalidades/. Acesso em: 19 jul. 2021

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: História, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, 25(3), p. 27-42, 2004.

COSTA, Alberto Martins da Costa; FREITAS, Patrícia Silvestre de Freitas; SANTOS, Sílvio Soares dos Santos. **Introdução aos estudos dos esportes paralímpicos**. Brasília, DF: Brasília Trade Center, 2012. (Comitê Paralímpico Brasileiro).

DAÓLIO, J. Da Cultura do Corpo. Campinas: Papirus, 1995.

FONTES, M. S. Futebol de cinco para cegos. In: CASTELLI, D. P.; FONTES, M. S. Futebol paraolímpico: manual de orientação para professores de Educação Física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

GLAT, R. et al. Educa..o Especial no contexto de uma Educa..o Inclusiva. In: GLAT, R. (Org.). **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

INTERNATIONAL PARALIMPIC COMMITTEE. Paralympic Games/All Editions.

Bonn: IPC, [20--b]. Disponível em: https://www.paralympic.org/paralympic-games. Acesso em: 1 ago. 2021.

INTERNATIONAL PARALIMPIC COMMITTEE. *Explanatory Guide to Paralympic Classification*. Bonn: IPC, 2019. Disponível em: https://gtimg.tokyo2020.org/image/upload/production/n4fd9qx81mgkd9hjllgd.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

KUNZ, Elenor. **Didática de Educação Física 2**. 3 ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. 7 ed. Ijui, SC: UNIJUI, 2006.

MELLO, M. T.; WINCLER. C. (Org.). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

MORATO, M.P. Futebol para cegos (futebol de cinco) no Brasil: leitura do jogo e estratégias tático-técnicas. 2007. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

OLYMPICS. *Paralympic Games Classification*. Tokio: PG, 2020. Disponível em: https://olympics.com/tokyo-2020/en/paralympics/games/classification/. Acesso em 7 ago 2021.

REGRAS DO GOALBALL. [S.l., s.n.: 20--c]. Disponível em: http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/goalball/regras-de-goalball.php. Acesso em: 01 ago. 2021.

REGRAS OFICIAIS DO VÔLEI SENTADO. [S. 1: s. n, 20--d]. Disponível em: http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/voleibol-sentado/regras-do-voleibol-sentado.php. Acesso em: 01 ago. 2021.

RANGEL, Felipe S.; DELCARRO, Jessica C. S. OLIVEIRA, Lohan G. de. **Como se faz? Guia didático**. [S.l: s.n 12-p], 2019. Disponível em: https://issuu.com/jessicadelcar-ro2/docs/livreto_guia_didatico. Acesso em: 1 ago. 2021.

WIKIPÉDIA. **Quadra de bocha adaptada**. 2013. Disponível em: http://pt.wikipedia. org/wiki/Ficheiro: Quadra_de_Bocha_Adaptada.jpg. Acesso em: 25 jul. 2021.

WORLD PARAVOLLEY. *Who can play*. [S. l: WPV, 20--e] Disponível em: https://www.worldparavolley.org/disciplines/who-can-play/. Acesso em: 1 ago. 2021.



からふなべるがからいらしゃのなからふるかべき